O Testemunho de Deus

T.S. (Watchman) Nee





O Testemunho de Deus

Com freqüência ouvimos referências ao "Testemunho de Deus"— mas o que realmente significa, e o que é esse testemunho? O autor diz que é a auto-revelação de Deus, o desejo do coração de Deus, que também é uma exigência divina ou o padrão de Deus. Partindo dessas definições, Nee apresenta, na primeira parte de **O TESTEMUNHO DE DEUS,** a nossa responsabilidade para com Deus, e nos exorta, na segunda parte,a sermos fiéis a esse testemunho e a concluir nossa carreira triunfantemente.

O TESTEMUNHO DE DEUS é um volume indispensável a todos os que desejam aprofundar-se no estudo das manifestações do Senhor.

1034-0

ISBN 0-8297-1034-5

O TESTEMUNHO DE DEUS

T. S. (Watchman) Nee

Traduzido por
Yolanda M. Krievin

Mazinho Rodrigues

EDITORA Vida

Outros livros do mesmo autor publicados por
EDITORA VIDA:
Autoridade Espiritual
O Plano de Deus e os Vencedores
A Quem Enviarei?
O Mensageiro da Cruz
O Ministério de Oração na Igreja
Oremos
A Superior Aliança
Conhecimento Espiritual
Cheio de Graça e de Verdade

ISBN 0-8297-1034-5

Traduzido de:
The Testimony of God
(Original chinês)

Copyright © 1979 by Christian Fellowship Publishers, Inc.
Copyright © 1980 by EDITORA VIDA

2.ª impressão, 1993

Todos os direitos reservados na língua portuguesa por
EDITORA VIDA, Deerfield, Florida 33442-8134 — E.U.A.

Os textos bíblicos são extraídos da Versão de Almeida, Edição Revista e Atualizada no Brasil, da Sociedade Bíblica do Brasil, exceto quando outra fonte é mencionada.

Capa: Karen Spooner

PREFÁCIO DA TRADUÇÃO EM INGLÊS

Com freqüência mencionamos o testemunho de Deus, mas o que exatamente ele é e o que significa para nós? O testemunho é a auto-revelação de Deus. Em outras palavras, representa o desejo do coração de Deus, que também é a exigência divina — ou, podemos dizer o padrão de Deus. Seu padrão o revela, mostrando-nos que Deus ele é. Quando este testemunho alcança o homem, torna-se lei. Do lado divino, é testemunho, mas do lado humano, é lei.

O Senhor Jesus vem para dar testemunho do Pai; o Espírito Santo vem para dar testemunho de Cristo; a igreja deve manter o testemunho de Jesus Cristo no poder do Espírito Santo. O testemunho de Cristo é dizer às pessoas quem e o que Cristo é.

Convém não pecar contra este testemunho — porque sempre que pecamos contra ele, nossa atitude não será facilmente ignorada por Deus.

Neste volume T. S. (Watchman) Nee apresenta, na primeira parte, o testemunho de Deus, dizendo o que é, como veio a nós e qual a nossa responsabilidade para com ele. Na segunda parte, exorta-nos a sermos fiéis ao testemunho que nos foi confiado e a concluir nossa carreira triunfantemente. Que esta constância até o fim seja uma realidade na vida de todos os que lerem as páginas deste livro.

ÍNDICE

Prefácio da tradução em inglês 3

PRIMEIRA PARTE : *O Testemunho de Deus*
(1 Coríntios 2:1)

1. O Testemunho de Deus 9
2. O Testemunho do Senhor Jesus diante do Sumo Sacerdote e de Pilatos 27
3. O Testemunho de Jesus Cristo 35
4. A Arca: o centro do Tabernáculo 41
5. De acordo com o padrão 61

SEGUNDA PARTE : *Considerado Fiel*
(1 Timóteo 1:12)

1. O Livro de Atos prossegue 87
2. A corrida que nos foi proposta 93
3. A última viagem 111

Este pequeno volume é uma coleção de mensagens transmitidas em língua chinesa em diversas ocasiões através de todo o ministério do autor. Por causa da unidade do seu conteúdo, estas mensagens estão sendo agora traduzidas e publicadas em um só livro.

PRIMEIRA PARTE
"O TESTEMUNHO DE DEUS"

1.
O TESTEMUNHO DE DEUS

Sou teu servo: dá-me entendimento, para que eu conheça os teus testemunhos (Salmo 119:125).

Freqüentemente mencionamos o testemunho de Deus, mas o que é e o que diz?

A palavra "testemunho" ou "testemunhos" foi usada com muito mais freqüência no Antigo Testamento do que no Novo. Vamos examinar aqui de maneira especial duas referências do Antigo Testamento. Uma se encontra no Pentateuco de Moisés, particularmente no Livro de Êxodo, onde a palavra "testemunho" foi usada em profusão; como, por exemplo, nestas frases: "a arca do testemunho" e "as duas tábuas do testemunho" (veja Êxodo 25:22, 31:18). A outra se encontra no Salmo 119, onde a palavra "testemunhos" foi empregada repetidas vezes. Examinando atenciosamente as duas passagens podemos perceber qual o verdadeiro significado do testemunho de Deus.

O Salmo 119 menciona muitas vezes a palavra de Deus, os preceitos de Deus, a lei de Deus, os estatutos de Deus, os mandamentos de Deus e também os testemunhos de Deus. O salmista cita os testemunhos

junto com a palavra de Deus, seus preceitos, estatutos, mandamentos e assim por diante. Somos exortados a manter seus testemunhos da mesma maneira que somos convocados a guardar sua palavra, seus preceitos, sua lei, seus estatutos e seus mandamentos. Pode parecer um pouco estranho a nossos ouvidos quando dizemos que temos de guardar os testemunhos de Deus. Mas descobrimos na Bíblia que os seus testemunhos são da mesma natureza que sua palavra, seus preceitos, sua lei, seus estatutos e seus mandamentos.

Em Êxodo, Levítico e Números encontramos não só que o testemunho de Deus permanece no mesmo nível de sua palavra e sua lei, mas também que as duas tábuas de pedra sobre as quais a lei foi inscrita são chamadas de tábuas do testemunho e que a arca na qual as duas tábuas foram colocadas é chamada de arca do testemunho. Todas estas coisas são obras do próprio Deus.

Assim vimos o que o testemunho é. O testemunho é a lei. Em outras palavras, representa o desejo do coração de Deus, que também é a exigência divina — ou, podemos dizer, o padrão de Deus. Na verdade, as duas tábuas do testemunho mencionadas em Êxodo descrevem-nos um tema lindo: o próprio padrão de Deus. Qual é o padrão de Deus? Seu padrão o revela, mostrando-nos que Deus ele é. E o testemunho nos é dado para que saibamos qual é o padrão absoluto de Deus.

Quando este testemunho alcança o homem, torna-se lei. Do lado de Deus, é testemunho, mas do lado humano, é lei. Portanto, lei e testemunho são uma e a mesma coisa, embora vistos de maneiras di-

ferentes. É testemunho no que diz respeito a Deus; mas torna-se lei no que se refere ao homem. Testifica o que Deus exige; delineia o que tem de ser guardado pelo homem. No que se refere a Deus, o testemunho é sua exigência; no que se refere ao homem, o testemunho é o seu dever. Fala da espécie de Deus que temos, comparado com o tipo de vida que nós, os humanos, vivemos. Quando colocado em nossa mão, tal testemunho nos convence de nossa injustiça considerando que carecemos do padrão divino. Mas, enquanto permanece na mão de Deus, revela que Deus ele é. O testemunho, portanto, é a auto-revelação de Deus.

Isto se torna ainda mais explícito no período do Novo Testamento. O Senhor Jesus veio para dar testemunho do Pai; o Espírito Santo veio para dar testemunho de Cristo; e a igreja deve manter o testemunho de Cristo Jesus no poder do Espírito Santo. O testemunho de Cristo é dizer às pessoas quem e o que Cristo é. E isto se chama testemunho. No que se refere a Deus, este testemunho é nada menos que ele mesmo; no que se refere a nós, este testemunho é uma coisa muito séria pois torna-se lei para nós. Não convém pecar contra este testemunho. Pois sempre que pecamos contra ele, nossa ação não será facilmente ignorada por Deus.

Para testemunhar de Deus é preciso conhecê-lo

Devemos reconhecer que este testemunho é uma coisa tremenda. (Por favor, observem que o "testemunho" mencionado aqui é diferente do que comumente chamamos de "dar testemunho".) A idéia principal à volta deste testemunho é a de Deus fa-

lando de si mesmo. Por meio deste testemunho ele mesmo nos conta que é um Deus vivo. Vem ao homem para dar testemunho de si mesmo quanto à espécie de pessoa que é. Temos de confessar que este testemunho é uma realidade espiritual, a realidade última. Qualquer pessoa que deixa de perceber a realidade última não percebe o testemunho. Estritamente falando, ninguém pode dar testemunho de Deus, considerando que, de eternidade a eternidade, o testemunho divino é dado pelo próprio Deus. Só ele pode nos dizer o que é.

Podemos dizer uma porção de palavras sobre Deus e declarar que Deus ele é, e ao fazê-lo, professarmos que estamos testemunhando dele; mas todas as nossas palavras não têm nenhum valor. Podemos multiplicar nossas palavras dez ou até mesmo cem vezes; mesmo assim, o testemunho do qual estamos falando não pode ser dado pelo homem: tem de vir do próprio Deus. Se ele mesmo não falar, não haverá testemunho. Será que percebemos a seriedade do assunto? Se Deus preferir não falar de si mesmo, quem pode testemunhar dele? Podemos falar e falar, mas seria inútil porque seríamos *nós* que estaríamos falando. Se Deus não fala, tudo é vão. Como ilustração, suponha que vamos a um tribunal para testemunhar a favor de alguma pessoa. Que valor teriam nossas palavras, nossa eloqüência, se a parte diretamente envolvida mantiver silêncio e não se expressar de modo algum? Vamos, portanto, nos lembrar mais uma vez que o testemunho de Deus é Deus falando de si mesmo, e se ele deixa de falar, *não* há testemunho.

Portanto, para dar testemunho de Deus é preciso que o homem toque o próprio Deus para que seja

capaz de enunciar as palavras que Deus quer que ele diga. O homem só pode falar depois que Deus é conhecido, visto e revelado por ele e para ele. Só quando entra em contato com esta realidade suprema, ele tem capacidade de abrir a boca e testemunhar de Deus. No caso de não entrar em contato com esta realidade, não terá palavras para dizer e, portanto, nenhum testemunho para dar. Uma pessoa pode difundir o mandamento, estatuto, ordenança ou palavra de Deus, mas o testemunho é um assunto totalmente diferente. O que o homem tem é o mandamento, estatuto, ordenança ou palavra, mas o testemunho permanece com Deus. Todos estes outros fatos são externos, enquanto o testemunho é a realidade absoluta. Conseqüentemente precisa de Cristo, que vem de Deus para dar testemunho de Deus. Então, também é o Espírito Santo, que procede de Cristo que dá testemunho de Cristo. E daí, aquele que conhece Cristo e conhece o Espírito Santo, pode dar testemunho de Deus e do seu Cristo.

Um testemunho assim não repousa sobre palavra, doutrina ou ensinamento do homem, porque é o próprio Cristo que surge. Um testemunho pode se tornar uma doutrina, mas uma doutrina jamais pode se tornar um testemunho. Quando se dá o testemunho, o mandamento pode recair sobre o homem para que obedeça; contudo, este mandamento não é o testemunho. Este testemunho é algo totalmente diferente do testemunho que comumente conhecemos. Com que freqüência dizemos que não podemos dar testemunho porque não temos experiência. Mas vamos tomar consciência de que até mesmo a experiência é pequena demais para rivalizar com *este* testemunho.

Pois este testemunho é mais do que uma questão de experiência. É o toque do próprio Senhor. Sim, na posição do homem, o testemunho é verdadeiramente experiência; não obstante, o termo experiência é inadequado demais para se aplicar ao testemunho. Porque o testemunho é uma questão de entrar em contato com o Senhor, só ele mesmo pode dar testemunho de si. Considerando que não há ninguém maior do que Deus, ele é o único que pode dar testemunho dele mesmo.

Um dos grandes problemas que a igreja enfrenta é o fato de haver doutrina em demasia vinda do homem. As pessoas falam de muitas doutrinas e ensinam muitas coisas sobre as Escrituras. Dizem-nos o que devemos fazer e o que é bíblico e o que não é bíblico. Estão totalmente imersos em questões como essas. Mas o verdadeiro testemunho é uma questão de entrar em contato com a realidade máxima; só entrando em contato com o próprio Deus é que recebemos o testemunho. Leia novamente os cinco livros de Moisés e o Salmo 119, e você descobrirá que a maneira pela qual Deus usa o termo "testemunho" é totalmente diferente do meio pelo qual comumente nós empregamos o termo. O testemunho é de tal imensidade que não é facilmente compreendido pela nossa mente, porque é o próprio Deus falando, revelando-se e também exigindo. Qualquer um que entre em contato com este testemunho divino, na realidade entra em contato com o próprio Deus.

Pecar contra Deus é pecar contra o testemunho

O que significa pecar contra o testemunho? Simplesmente significa pecar contra Deus. Qualquer pes-

soa que toca o caráter ou o modo de ser de Deus toca seu testemunho. Deus manifestará seu caráter absoluto. E aquele que representa mal o seu caráter peca contra seu testemunho. Sempre que o testemunho de Deus está envolvido, ele não deixará o fato passar despercebido. Qualquer um que o difama ou o representa de maneira falsa, imediatamente tem de enfrentá-lo, considerando que afetou o seu caráter, sua posição, até mesmo o seu próprio ser.

Os israelitas não tiveram permissão de entrar em Canaã

Diversos incidentes no Antigo Testamento resultaram em algumas conseqüências muito sérias. Em Números 13 e 14 descobrimos que o Senhor não deixaria que os israelitas entrassem em Canaã. Antes do povo chegar a Cades-Barnéia, já tinha visto muitos milagres; e até mesmo em Cades tiveram provas de que a terra de Canaã indubitavelmente tinha abundância de leite e mel; não obstante, pensaram que os habitantes da terra eram fortes demais, as cidades fortificadas demais, e olharam para si mesmos, achando-se como gafanhotos quando comparados com os gigantes de Enaque. Ficaram com medo e não quiseram entrar. Choraram e recusaram-se a prosseguir. Mas esse choro e medo desacreditaram a Deus e afetaram seu nome adversamente.

Dias antes, sua murmuração por causa da comida e bedida não pareceu preocupação muito séria ao Senhor. Eram pecados devidos à fraqueza humana, e Deus podia tratá-los com gentileza: "Tentaram a Deus nos seus corações, pedindo alimento que lhes fosse do gosto. Falaram contra Deus, dizendo: Pode, acaso, Deus preparar-nos mesa no deserto?" (Salmo

78:18-19). (*Observação na tradução em inglês*: O leitor deve notar que a frase "Pode, acaso, Deus . . ." não deve ser entendia aqui que os israelitas duvidassem do poder de Deus, mas que o desafiavam a entrar em ação para gratificação de seu apetite.) Será que tais atitudes dos israelitas afetaram o caráter do Senhor? Não, ele sabia por que o apetite deles fora despertado e, por isso, permitiu que prosseguissem, mas é claro, depois de tê-los punido. Mas não foi assim depois que chegaram a Cades-Barnéia. Aqui já não era mais uma questão de fraqueza humana — antes, duvidavam do poder de Deus. O temor, as lágrimas e a recusa em entrar que agora exibiam, refletiram adversamente no caráter de Deus, como se ele — por causa de sua própria aparente fraqueza — os tivesse trazido a um lugar de morte. Nesse momento crítico o Senhor não podia mais reprimir-se. De acordo com seu governo não devia mais suportá-los. Todos os que chegaram a Cades-Barnéia e depois se recusaram a entrar foram impedidos de entrar. Não parece muito estranho que não houvesse nenhuma possibilidade de arrependimento? Pois, mesmo depois que declararam que prosseguiriam, Deus não alterou seu modo de pensar. E por quê? Porque não há arrependimento no *governo* do Senhor. O que for decidido é final. Considerando que tinham pecado contra o caráter de Deus — sendo uma afronta direta feita a ele — não tiveram permissão de entrar na terra. Foi um exemplo de pecado cometido contra o testemunho de Deus.

A destruição de Coré e seu grupo

Em Números 16 e 17 lemos sobre a destruição de Coré e todos os seus companheiros. Atacaram Moisés

e Arão acusando este último de assumir muita responsabilidade e de se colocar acima da assembléia do Senhor. Deus julgou Coré e seus companheiros, e a terra abriu a sua boca e os engoliu. No dia seguinte, quando a congregação dos filhos de Israel murmurou contra Moisés e Arão, dizendo que tinham matado o povo do Senhor, a ira do Senhor caiu sobre o povo. Então Deus falou a Moisés, instruindo-o que colocasse doze varas— uma para cada um dos doze príncipes de Israel — na tenda da congregação diante do Testemunho. E o homem cuja vara florescesse seria o escolhido por Deus. Neste severo julgamento podemos descobrir um grande princípio. Se o povo simplesmente estivesse lutando para uns se colocarem acima dos outro entre *si mesmos*, Deus deixaria passar. Os dois irmãos, Tiago e João, por exemplo, queriam ser importantes, e a terra não se abriu para engoli-los. Mesmo durante a última ceia do Senhor com os seus discípulos, ainda estavam discutindo sobre quem seria o maior, mas nem mesmo nessa ocasião o solo se abriu para engoli-los. Por que, então, tinha de haver conseqüências tão severas no incidente de Números? Só pode haver um motivo: eles pecaram contra o testemunho do Senhor. O testemunho é este: uma pessoa morta não pode servir a Deus, só os ressurretos. Só no poder da ressurreição o homem pode servir ao Senhor.

Sem a ressurreição não há vida. No tempo do Jardim do Éden, o homem podia ver a árvore da vida, mas atualmente a vida só se encontra na ressurreição porque a morte já se instalou. A vida hoje em dia está representada pela ressurreição. E, a partir daí, sem ressurreição ninguém pode aproximar-se de Deus. A

vida em nós, a vida que os crentes atualmente conhecem, passou pela morte, por isso é chamada de vida ressurreta. Como é preciosa a palavra do Apocalipse: "Estive morto, mas eis que estou vivo pelos séculos dos séculos" (1:18). O problema de hoje não é mais o de manter a vida, mas o de como ressuscitar dos mortos. E exatamente como o nosso Senhor permanece hoje na ressurreição, nós também devemos permanecer. Nada além daquilo que permanece no lugar da ressurreição pode se apresentar diante de Deus. Tudo tem de passar pela morte e reviver. Quanto de nossa eloqüência, pensamentos, capacidade, força e inteligência humanos ainda não passou pela morte e ainda não ressuscitou! O resultado é que essas coisas não nos dão acesso a Deus.

Assim, no incidente da vara de Arão, claramente percebemos que só o que foi ressuscitado pôde servir a Deus. A vara que floriu provou além de qualquer dúvida que só os ressuscitados recebem o ministério, pois sem ressurreição não pode haver serviço. Isto é testemunho. Este incidente prova um princípio importantíssimo: que ninguém pode aproximar-se do Senhor exceto com base na ressurreição. Quando o primeiro homem foi criado, podia aproximar-se de Deus; mas depois de sua queda só podia fazê-lo através da ressurreição, porque um pecador que se atrevesse a se aproximar de Deus devia morrer.

A ressurreição é, portanto, a única condição para o serviço prestado a Deus hoje em dia. Naturalmente esta ressurreição significa mais do que simplesmente receber a vida ressurreta; fala também da operação da cruz na vida dos homems. Exatamente como a cruz foi uma humilhação para o Senhor Jesus, também

precisa ser uma humilhação para seus discípulos. Quando a multidão quis que o Senhor fosse crucificado, gritou: "Fora com ele! Fora com ele!" Para que a cruz seja uma grande humilhação, a velha criatura tem de ser expulsa. Como poderia o testemunho de Deus ser mantido se a vara deixasse de florir e a velha criação não desaparecesse? E por isso podemos dizer que Deus abre só uma porta pela qual podemos entrar. Todo aquele que não entra por essa porta tem de morrer.

A razão, portanto, por que Coré e todos os seus companheiros sofreram julgamento tão severo naquele dia foi por terem pecado contra o testemunho do Senhor. Deus pode permitir que certas coisas passem despercebidas, mas nunca deixará passar qualquer coisa que peque contra seu testemunho — contra seu caráter e pessoa. Tomemos nota que o alvo básico da disciplina de Deus sobre nós é preservar seu testemunho. Em outras palavras, ele não quer ser mal-interpretado. A respeito das muitas pessoas que pecam, a pior crítica que se pode fazer é que são más, mas não podemos criticar a Deus. Há certos assuntos e ações que podem refletir adversamente a Deus; e não serão ignorados por ele uma vez que pecam contra o testemunho — contra o próprio Deus.

Moisés foi impedido de entrar em Canaã

Quando lemos Números 20 ficamos sabendo como Moisés bateu na rocha com a sua vara duas vezes. Em conseqüência, não teve permissão de entrar em Canaã. Mesmo que depois implorasse a Deus, dizendo: "Rogo-te que me deixes passar" (veja Deuteronômio 3:23-27), não recebeu permissão. A proibi-

ção era final. Naturalmente entendemos que Moisés estava errado quando bateu na rocha com raiva em lugar de lhe *falar*, conforme instrução divina, mas ainda assim não percebemos como foi grande o seu pecado. Moisés era um homem manso, mas naquela ocasião perdeu o controle. Já vimos muitas pessoas mansas descontrolando-se sem que fossem seriamente julgadas pelo Senhor. Por que, então, o Senhor foi tão severo com Moisés que simplesmente perdeu o controle uma única vez? Vamos ler as palavras do próprio Deus: "Mas o Senhor disse a Moisés e a Arão: Visto que não crestes em mim, para me santificardes diante dos filhos de Israel, por isso não fareis entrar este povo na terra que lhe dei" (Números 20:12). O que significam as palavras "para me santificardes"? Significa "vós me complicastes" — uma vez que santificar é colocar Deus à parte, isto é, exibir as características de Deus. Se Moisés tivesse perdido o controle dez vezes, as pessoas só poderiam dizer que ele tinha mau gênio; mas a perda do controle desta vez afetou o próprio Deus. Foi como se o Senhor dissesse: "Com sua atitude você me arrastou para dentro dela; você não me santificou nem me honrou como devia."

O problema com este incidente é que, enquanto Moisés perdia o controle, Deus, *na mesma ocasião*, estava operando — pois a água jorrou em abundância imediatamente depois que a rocha foi ferida; e assim o povo obviamente ficou confuso quanto ao que acontecia. Moisés definitivamente arrastou Deus a uma horrível confusão, resultando em que os israelitas poderiam pensar que o Senhor era um Deus que, como Moisés, pudesse perder o controle. Deus, por-

tanto, foi prejudicado por Moisés. Se a ira de Moisés simplesmente desse a impressão dele ser um homem que tinha mau gênio, o caso não seria tão sério a ponto do Senhor tomar uma atitude tão severa. Mas o fato de que estava realizando um milagre que envolvia o poder de Deus, no exato momento em que a rocha estava sendo ferida, com raiva por ele, poderia facilmente induzir o povo a concluir que o Deus que lhes dava água para beber era também um Deus que, ao mesmo tempo, repreendia-os com ira. Moisés envolveu o Senhor em sua própria ira de tal maneira que deixou de santificar a Deus diante do povo. Isto é pecar contra o caráter de Deus, contra o testemunho de Deus. E a conseqüência disso foi tão séria que não podia passar despercebida; por isso Moisés não recebeu permissão para entrar em Canaã.

Uzá ferido de morte

Jamais podemos nos esquecer, também, da mão de Uzá em relação com este assunto de pecar contra o testemunho. Lembrem-se de como Uzá, quando estendeu sua mão para segurar a arca, foi imediatamente ferido de morte ao lado do carro (veja 2 Samuel 6:1-7). Deus realmente vingou-se nesta ocasião. Geralmente explicamos que Uzá foi ferido porque estendeu sua mão de carne para segurar a arca. Embora seja verdade, tal explicação e tal lição não são suficientemente fortes e profundas. Devemos nos lembrar que a arca era a arca do testemunho. Antes que Davi fosse feito rei, a arca fora capturada pelos filisteus. Naquela ocasião não havia Uzá para guardá-la; não obstante, ela foi capaz de defender-se sozinha. Quando nos lembramos da arca na terra dos filisteus

lembramo-nos que foi levada de um lugar para outro e que não caiu, embora não tivesse nem Uzá nem qualquer outro israelita para cuidar dela; os filisteus não lhe puderam fazer nada. Agora, entretanto, a arca estava de volta entre o povo de Deus. Será que precisava de algum homem para guardá-la? É aqui que devemos perceber o pecado de Uzá. A arca pôde defender-se sozinha entre os inimigos; será que agora precisava do cuidado de um homem quando se encontrava entre o povo de Deus? Deus, vocês devem estar lembrados, sempre desejou que a arca fosse levada pelos levitas, mas o povo de Israel colocou-a, agora, sobre um carro de bois. Se caísse, seria por culpa dela mesma. Estender a mão só destruiria o testemunho de Deus. Por isso Deus não permitiu que Uzá ficasse sem castigo.

Ah! que aprendamos uma lição diante do Senhor. Há muitas coisas que temos de deixar que Deus realize. Aqueles que não o conhecem profundamente, com freqüência tentam ajudá-lo. Se gastássemos um pouco de tempo considerando o fim daquele povo no passado, perceberíamos um grande princípio, a saber, que não podemos nos dar ao luxo de pecar contra o testemunho do Senhor. Sempre que alguém faz uma coisa para pecar contra o caráter de Deus, a autoridade de Deus, o caminho de Deus, o plano de Deus ou o testemunho de Deus, será castigado por Deus. Pois Ele jamais negligencia o seu testemunho. Ele sempre há de vindicar sua santidade, poder e vida. Por causa disto, devemos temer e tremer diante dele e nunca fazer nada com frivolidade.

Qualquer um que peca contra o Testemunho é castigado

Cremos que Deus freqüentemente castiga seu povo por uma única razão — ele quer se defender. Ele se isenta de qualquer envolvimento adverso do homem perante os homens e também perante o diabo. Se o homem é incapaz de manter o testemunho de Deus, Deus tem de defendê-lo. Mas isto significa que o homem será castigado por ele. Quando pecamos em assuntos que se relacionam conosco, parece que o Senhor não leva tão a sério como quando pecamos em assuntos que o ofendem pessoalmente. Neste último caso ele se levanta para castigar e para declarar sua inocência. Vamos, portanto, andar com muito cuidado diante de Deus. Não pequemos em nada, mas especialmente não pequemos contra o seu testemunho. Tenhamos sempre um coração cheio de temor e tremor, pedindo ao Senhor que nos guarde de pecar, particularmente contra o testemunho.

Temos lido as histórias de muitas pessoas no Antigo Testamento — tais como Abraão, Isaque e Jacó. Todos foram escolhidos e amados por Deus. Suas histórias revelam inúmeros fracassos e derrotas, mas o Senhor permitiu que prosseguissem depois de um pequeno castigo. Ficamos surpresos? Por que foi assim? Porque suas atitudes erradas não foram pecado contra o testemunho de Deus. Sempre que o testemunho do Senhor é ofendido, a conseqüência será a mais grave e terrível. Nisto não há diferença entre o Antigo e o Novo Testamentos, considerando que a verdadeira diferença jaz somente no fato do testemunho ser ofendido ou respeitado. Pecar contra

o testemunho de Deus é uma coisa horrível porque ele não ignora o fato.

"Pois eles nos corrigiam por pouco tempo, segundo melhor lhes parecia; Deus, porém, nos disciplina para aproveitamento, a fim de sermos participantes da sua santidade" (Hebreus 12:10). Deus nos castiga para proveito nosso, para que possamos ser participantes de sua santidade. Cada vez que nos castiga, reivindica o seu próprio ser. (*Observação na tradução para o inglês*: É preciso ter em mente que o autor, quando transmitiu esta mensagem, enfatizava um aspecto particular do castigo de Deus — isto é, aquele que é devido a uma ofensa contra Deus e o seu caráter; há, naturalmente, outro aspecto do castigo que se relaciona com a disciplina com propósito positivo de conformar o crente à imagem do Filho de Deus. O leitor deve tê-lo em mente ao ler o parágrafo seguinte.)

Já ponderou sobre o fato de que, quando Deus nos castiga para se justificar, Satanás não pode mais nos acusar? No castigo, Deus mostra ao inimigo que ele, Deus, não participa da situação, preservando assim sua santidade. Por causa disto, nossa primeira reação diante do castigo deveria ser não a de pedir alívio, mas de pedir ajuda para santificar a Deus. Sempre que nos encontrarmos em um castigo desta natureza, devemos contar aos irmãos que é devido a uma ofensa cometida contra Deus em determinado assunto. Nossas palavras podem parecer simples, mas nossa atitude deve sustentar o fato de que o Senhor não tem nada a ver com o assunto. Há irmãos que só sabem chorar quando se encontram sob castigo. Por que chorar? Porque a disciplina é severa demais? Por-

que há dificuldades? Ora, não são motivos para choro. Devemos perceber que o castigo de Deus, por mais severo que seja, é uma justificação dele mesmo. Considerando que levamos o seu nome, podemos complicá-lo facilmente. E, por isso, ele precisa desembaraçar-se de qualquer envolvimento adverso que nossas ações possam ter provocado. Durante o período de tal castigo vamos inclinar nossas cabeças e adorar a Deus, dizendo: "Alegremente aceitarei tal disciplina; alegremente permanecerei neste terreno; alegremente deixarei que o diabo, a igreja e o mundo saibam que nada tens a ver com o que aconteceu, mas que tudo é falta minha." Quanto mais nos submetemos à disciplina de Deus, mais ele fica justificado, e portanto mais rapidamente a disciplina será executada. Por outro lado, quanto mais nos opusermos à disciplina e quanto mais lutarmos contra ela, mais devagar passaremos por ela.

Creio que isto faz parte do plano do Senhor, cuja assimilação contribui para a sua glória em nossas derrotas e vai nos libertar de muitas tristezas desnecessárias. Se vivemos bem nossa vida cristã, glorificamos a Deus dando graças por sua graça. Se a vivemos pobremente, ainda precisamos glorificá-lo submetendo-nos à sua vindicação. Que o sangue cubra estas palavras, pois tratam de um tema muito sério.

2.
O TESTEMUNHO DO SENHOR JESUS DIANTE DO SUMO SACERDOTE E DE PILATOS

Texto Bíblico: Mateus 26:57-66; 27:1, 2, 11-18; João 18:28-40; 19:7-10, 12, 15.

Primeiro

Na noite em que foi traído, o Senhor Jesus foi levado a Caifás, o sumo sacerdote, por aqueles que o prenderam. Os principais dos sacerdotes e todo o concílio tentaram obter falso testemunho contra, para que pudessem condená-lo à morte; mas não foram capazes de encontrar, apesar de muitas testemunhas falsas se apresentarem. Há um aspecto especial neste incidente que deve ser observado aqui. Em tal situação, interrogado com muitas palavras e falsamente acusado de muitas coisas, Jesus não respondeu nenhuma só palavra. Mas quando o sumo

sacerdote lhe pediu: "Eu te conjuro. . .que nos digas se és o Cristo, o Filho de Deus", ele replicou: "Tu o disseste" — resultando que o sumo sacerdote apegou-se a esta confissão para condená-lo. Na manhã seguinte, trouxeram o Senhor Jesus amarrado para entregá-lo a Pilatos, o governador romano. Pilatos perguntou-lhe: "És tu o rei dos judeus?" E Jesus lhe disse: "Tu o dizes." Não parece estranho que depois de assim responder, Pilatos o julgasse inocente e desejasse soltá-lo? No caso do sumo sacerdote, Jesus foi condenado porque respondeu: "Tu o disseste"; mas, no caso de Pilatos, Jesus respondeu, dizendo essencialmente a mesma coisa: "Tu o dizes." Ambos os encontros servem como contraste. Diante de Caifás, o sumo sacerdote, o Senhor Jesus foi julgado não por causa da questão do reino, mas da filiação; mas, diante do governador Pilatos, foi julgado na questão do reino. As perguntas parecem que são totalmente diferentes exteriormente, mas diante de Deus estão unidas em uma só. Pois diante de Deus, os judeus não tinham outro rei que não fosse o Filho do próprio Deus. Nos dois interrogatórios, portanto, o Senhor Jesus não respondeu nada exceto a estas duas perguntas — sobre o que ele era e o que ele fazia.

Segundo

Vamos observar o testemunho do Senhor aqui. Jesus confessou diante de Caifás, o sumo sacerdote, que era o Filho de Deus e, diante de Pilatos, o governador, que era rei. Em ambos os casos, deu testemunho de si mesmo. Quando o sumo sacerdote ouviu o que o Senhor testificou de si — junto com as

palavras: "Vereis o Filho do homem assentado à direita do Todo-poderoso, e vindo sobre as nuvens do céu" — rasgou suas vestes e declarou: "Blasfemou! que necessidade mais temos de testemunhas? Eis que ouvistes agora a blasfêmia! Que vos parece?" Ao que o concílio respondeu que era digno de morte.

Por que não aceitaram este testemunho dado pelo Senhor Jesus? Qual era seu pensamento secreto? Não tinham a intenção de provar se ele era ou não verdadeiramente o Filho de Deus porque consideraram sua confissão merecedora de acusação. Seu alvo não era o de provar um fato, mas o de encontrar uma desculpa para condenação. Por isso, imediatamente após o Senhor Jesus reconhecer-se o Filho de Deus, julgaram suas palavras como blasfêmia e o condenaram. Isto provou que não tinham intenção de descobrir se este homem era verdadeiramente o Filho de Deus; sua única preocupação era de matá-lo com base sobre o que ele disse e o que poderia ser usado contra ele.

Eram *os* líderes do Judaísmo, mas não estavam preocupados com os negócios de Deus. Estavam preocupados com o prejuízo próprio causado pelo que este homem, que era chamado de Filho de Deus, constantemente dizia e fazia. Se permitissem que continuasse vivendo, sua posição ficaria irreparavelmente abalada e sua "autoridade" destruída. Por causa disto, apressaram-se a livrar-se de Jesus para preservação de lucros pessoais. Embora pretendessem demonstrar sua preocupação pelo templo, distorcendo a palavra do Senhor Jesus para que ficasse assim: "Posso destruir o templo de Deus e

reconstruí-lo em três dias" (quando, na realidade, o Senhor Jesus não falou assim; vede João 2:19-21), não deram a mínima importância quando o templo se tornou covil de salteadores. Pois quando o Senhor, antes disso, purificou tal iniqüidade, procuraram destruí-lo (vede Marcos 11:17-18). Só desejaram manter a aparência exterior do templo para obter lucros; não quiseram a realidade do templo para que seus pecados não fossem denunciados. Retiveram alguns rituais religiosos, mas rejeitaram a verdade, ao ponto de destruí-la. Sem hesitação e sem qualquer interrogatório posterior, consideraram a confissão de Jesus ser o Filho de Deus um crime. Consideraram tal confissão um tabu. Embora fosse verdade, não devia ser enunciada. O Senhor Jesus foi condenado por causa deste testemunho. Foi sentenciado à morte não por causa do que era, mas por causa do que testificou de si mesmo. De acordo com a opinião do concílio, a verdade não devia ser evidenciada. Tentaram de todas as maneiras acabar com este testemunho e, finalmente, recorreram ao poder humano para condenar o Senhor Jesus à morte.

Terceiro

De manhã, trouxeram o Senhor Jesus a Pilatos. Em resposta à pergunta do governador, "És tu o rei dos judeus?", Jesus respondeu: "Vem de ti mesmo esta pergunta, ou to disseram outros a meu respeito?" E Pilatos replicou: "Porventura sou judeu? A tua própria gente e os principais sacerdotes é que te entregaram a mim. Que fizeste?" Jesus respondeu: "O meu reino não é deste mundo. Se o meu reino fosse deste mundo, os meus ministros se

empenhariam por mim, para que não fosse eu entregue aos judeus; mas agora o meu reino não é daqui." Então Pilatos lhe respondeu: "Logo tu és rei?" A isto Jesus disse: "Tu dizes que sou rei. Eu para isso nasci e para isso vim ao mundo, a fim de dar testemunho da verdade. Todo aquele que é da verdade ouve a minha voz." Pilatos lhe disse: "Que é a verdade?" Mas, sem esperar a resposta, saiu para falar aos judeus: "Eu não acho nele crime algum." E assim foi o testemunho que o Senhor Jesus deu diante de Pilatos.

Muitos daquele tempo pensavam que a questão de ser rei dos judeus era um problema político. Mas a Bíblia nos mostra que, quando o Senhor Jesus foi interrogado por Pilatos, "És tu rei dos judeus?", Jesus aprofundou-se no mérito da questão indagando se aquela era a opinião do próprio Pilatos ou se tinha ouvido alguém dizer. Tal pergunta foi muito importante. Pois o Senhor Jesus testemunhou abertamente sem disfarce que ele era rei. Mas o que testificou e do que foi acusado eram coisas totalmente diferentes. O rei está intimamente relacionado com o reino e, por isso, declarou: "O meu reino não é deste mundo." Considerando que o seu reino não era deste mundo, seus servos não precisavam lutar por ele. Se fosse deste mundo, eles teriam lutado. Mas o seu reino é de Deus e de cima; de igual modo, não há necessidade de lutar contra a carne e o sangue. Embora ele seja o rei dos judeus e tenha nascido para ser rei, o seu reino nada tem a ver com a política do mundo.

Entre os filhos de Deus, alguns reconhecem só a identidade material do mundo. Para eles, não ser do

mundo é ser um pouco mais cuidadoso com as coisas materiais. Não estamos sugerindo que devemos ser relaxados quanto às coisas materiais. Não obstante, o ponto mais importante a ser considerado em nosso relacionamento com o mundo é a questão da fonte — se somos "do" ou "não do" mundo. Em outras palavras, não pertencemos de modo nenhum a este mundo.

Há muitas coisas na vida dos filhos de Deus que parecem ser espirituais, mas que geralmente, quando examinadas suas fontes, descobre-se que emanam do mundo. Embora os termos possam ser bíblicos, as coisas podem ter sua fonte no mundo. Por exemplo, concordamos que a humildade é uma virtude, e certamente é um comportamento elogiado pelas Escrituras. Não obstante, saber se a humildade descrita nas Escrituras e a humildade em nossa vida são uma e a mesma coisa, apresenta geralmente um verdadeiro problema. Freqüentemente, quando traçamos a fonte de nossa humildade, descobrimos que ela brota de certas considerações — por exemplo, por causa do medo de ser ridicularizado ou criticado. Assim, esta humildade nossa brota de considerações mundanas. Externamente pode ser chamada de virtude, mas não se origina no reino que não é deste mundo. Tem sua fonte neste mundo, sendo o resultado de considerações mundanas. Ah! se pudéssemos entender que o cristão que vive segundo a vontade de Deus, pode ser gentil e também forte, porque não é governado por nenhuma consideração mundana.

Os filhos de Deus freqüentemente falam sobre o comportamento celeste. O que significa ser celestial?

Não significa necessariamente que estamos sempre em contato com as coisas celestiais. Significa na realidade que isto ou aquilo vem do céu, que o céu é a sua fonte. Semelhantemente, então, o que significa ser mundano? Não se refere ao nosso constante contato com o mundo, mas sim, com aquilo que vem do mundo. Não imaginemos que poderíamos ser menos mundanos se tivéssemos menos contato com o mundo. Ter menos contato com as coisas do mundo só nos torna reclusos — como aqueles que fogem da realidade. Não, tal comportamento não nos dá direito de dizer que não somos do mundo. Mas precisamos da luz de Deus, porque somos originariamente do mundo. E sob sua iluminacão, seremos capazes de perceber até que ponto muitas razões terrenas governam grande parte da nossa bondade. Há um motivo para cada ação, e freqüentemente há razões que se originam do mundo. Quanta bondade nossa tem aparência espiritual, mas na realidade não passa de "espiritualidade" mundana. Não há testemunho nem realidade nela.

O Senhor Jesus declarou que o seu reino não é deste mundo. Ele reina e governa um reino que não é desta terra. Seu reino nada tem em comum com o reino deste mundo. E exatamente por isso, nosso problema não se relaciona com o fato de termos abandonado o mundo ou não, mas relaciona-se com o quanto do mundo ainda está em nós. Que Deus use de misericórdia para conosco para que não sejamos afetados pelo mundo.

Quarto

O Senhor Jesus veio a este mundo para dar

testemunho da verdade. Os hipócritas daquele tempo tentaram livrar-se dele porque sua própria conduta era má e porque amavam as trevas em lugar da luz (vede João 3:19). Mas o Senhor Jesus não se entregou ao seu poder maligno. Manteve silêncio enquanto zombavam dele, mas deu um excelente testemunho da verdade quando sua pessoa e obra foram postas em dúvida. Embora caminhasse por uma estrada fora do comum e aparentemente não tivesse conseguido nada, está hoje assentado à direita do Poder e um dia virá nas nuvens do céu. Louvado seja o Senhor! Todos os que o seguem devem prestar atenção ao seu testemunho.

3.
O TESTEMUNHO DE JESUS CRISTO

O qual atestou a palavra de Deus e o testemunho de Jesus Cristo, quanto a tudo o que viu (Apocalipse 1:2).

No livro do Apocalipse, "o testemunho de Jesus Cristo" foi mencionado diversas vezes. Foi por causa do testemunho de Jesus Cristo que o apóstolo João foi exilado na ilha de Patmos (Apocalipse 1:9). Por causa do "testemunho" que mantiveram, os santos da antigüidade foram mortos (Apocalipse 6:9). Satanás ataca ferozmente àqueles que "sustentam o testemunho de Jesus" (Apocalipse 12:17). Na volta do Senhor, aqueles que se apegam ao "testemunho de Jesus" reinarão com ele. Além disso, um anjo declarou a João que "o testemunho de Jesus é o espírito da profecia" (Apocalipse 19:10). E, finalmente, Paulo em uma de suas epístolas disse o seguinte: "assim como o testemunho de Cristo tem sido confirmado em vós" (1 Coríntios 1:6). O que é, então, o testemunho de Jesus Cristo?

Seria preciso um pouco de tempo para responder a esta pergunta totalmente. Vamos, portanto, explicar aqui apenas resumidamente a sua essência. O teste-

munho de Jesus Cristo inclui quatro aspectos: primeiro, quem Jesus é — a saber, o que era antes, e o que é agora; segundo, qual o seu relacionamento com o homem; terceiro, o que ele fez e conseguiu na cruz; e quarto, qual o seu relacionamento com o eterno propósito de Deus. Cremos que estes quatro aspectos abrangem toda a esfera do testemunho de Jesus Cristo. Muito poderia se dizer sobre estes quatro aspectos, mas vamos apenas examiná-los concisamente.

Primeiro, quem Jesus era antes e o que é agora. Este assunto se relaciona com a Pessoa de Cristo, que ocupa lugar de destaque na teologia espiritual. Não vamos pensar que a teologia simplesmente ensina uma técnica especial. Descobriremos que uma das mentiras mais profundas, espertas e sutis do diabo é atacar a Pessoa de Cristo. Ele busca toda oportunidade de desviar os homens na direção de algum caminho profundo e filosófico para chegar à Pessoa de Cristo. Se ele é capaz de enganar um crente piedoso e fazê-lo cair, neste ponto, pode destruir a vida ministerial daquele indivíduo. Tenha em mente que o diabo arma planos com toda a sua sutileza para engodar os filhos de Deus neste assunto. Quanto mais longe avançamos seguindo o Senhor, de maneira mais sutil Satanás nos tenta em relação à Pessoa de Cristo. Pois ele está totalmente cônscio de que se atacar os filhos de Deus neste ponto, atacará o âmago de todos os outros.

Se você for levado a duvidar da Pessoa de Cristo, todo o seu ser será derrotado diante de Deus. Uma duvidazinha ou um pequeno erro de palavras em relação à Pessoa de Cristo acabará com sua utilidade na

mão de Deus. O diabo concentra seu ataque em crentes consagrados para atraí-los do caminho certo da verdade neste assunto. Por causa disto, devemos julgar cuidadosamente os assim chamados pontos de vista teológicos dos homens, para não sermos apanhados na armadilha de Satanás.

Quem Jesus é — este é o fundamento do testemunho. Todas as falsas e destrutivas doutrinas assaltam direta ou indiretamente este tema central: atacam a Pessoa de Cristo. Muitos tentam interpretá-lo de maneira indireta; no final descobrimos que nem confessam que Cristo é Deus, nem permitem que outros o reconheçam como tal. Portanto, o primeiro aspecto do testemunho de Jesus Cristo relaciona-se com a sua Pessoa.

Segundo, qual o relacionamento de Cristo com o homem. Um termo que pode ser usado para explicar e definir o seu relacionamento com o homem é a palavra "representativo". Cristo realizou coisas que ultrapassam qualquer poder humano, pois eram impossíveis ao homem. Ele é Deus, portanto age como Deus. Contudo, Cristo faz todas as coisas para o homem. Ele se liga ao homem tornando-se carne. Ele é o mistério da divindade (1 Timóteo 3:16). Ele tinha quatro membros e cinco órgãos dos sentidos, exatamente como nós. Torna-se um conosco, portanto pode ser nosso Representante. Sua vida, obra, morte, sepultamento, ressurreição e ascensão, e sua atual posição e obra no céu, todas são, por natureza representativas. E, por isso, o testemunho de Jesus Cristo inclui seu relacionamento com o homem em tudo o que representa, agora e antes.

Terceiro, o que o Senhor Jesus realizou na cruz. Isto

inclui sua morte, sepultamento, ressurreição e reino. Todos são universais em caráter — isto é, são todo-inclusivos. Sua morte é todo-inclusiva, e também o seu sepultamento, ressurreição e reino. Este é o testemunho de Jesus Cristo.

E *quarto*, quanto ao seu relacionamento com o propósito eterno de Deus, podemos dizer que Deus ordenou na eternidade que o Senhor Jesus seja a Cabeça de todas as coisas. Ele é o Rei dos reis. Isto também é o testemunho de Jesus Cristo.

Cremos que os quatro aspectos que acabamos de mencionar compreendem o testemunho de Jesus Cristo, uma vez que incluem todo o conteúdo da Bíblia. Você pode traçar uma linha do Antigo Testamento até o Novo Testamento, do Gênesis ao Apocalipse, e ligar estas quatro questões cardinais. Hoje, o testemunho de Jesus Cristo está depositado em um recipiente que se chama igreja, o corpo de Cristo. E foi depositado da seguinte maneira: primeiro, este testemunho resume toda a verdade revelada; e segundo, este testemunho é o poder da verdade incorporada no recipiente. Este testemunho de Jesus Cristo depositado no recipiente da igreja é a mesma verdade que o Espírito Santo operou em Jesus Cristo. Portanto, não é uma espécie de verdade objetiva para a compreensão mental, mas é a verdade que se transforma em nossa vida, nossa natureza e nossa experiência através da operação do Espírito Santo em nós. E, assim, o testemunho é depositado naquele vaso que é a igreja. O Espírito Santo revela e incorpora este testemunho na igreja, que é o corpo de Cristo. E nós os que cremos em Jesus somos membros deste corpo.

Oh! O Espírito Santo já revelou o Senhor Jesus a você? Você não concorda simplesmente com o que os outros lhe contam sobre o Senhor Jesus como o Filho de Deus; você crê que ele é o Filho de Deus porque o Espírito Santo o revelou a você.

Quanto à obra representativa do Senhor, você não percebe este aspecto do testemunho pela agência do Espírito Santo? Você percebe continuamente o que Cristo representou no passado e o que ele representa hoje? E o que você viu transformou-se em vida para você?

Vamos entender que todos estes aspectos do testemunho precisam ser percebidos claramente. O Senhor Jesus é nosso Representante à direita de Deus. Ali ele representa-nos em tudo o que Deus pode exigir de nós, seja a perfeição moral ou espiritual. Somos perfeitos e completos em Cristo diante de Deus (Colossenses 1:28). Deus já encontrou um homem perfeito na humanidade de Jesus Cristo. Ele aceitou a perfeição do Senhor como nossa, ele colocou a perfeição do Senhor em nossa conta. Ele já não precisa mais encontrar um homem perfeito, porque ele já o encontrou. Agora é obra do Espírito Santo transmitir a perfeição desse Homem para nós. Através de nossa fé e obediência o Espírito Santo é capaz de transmitir Cristo a nós. E assim Cristo se torna parte de nós. Isto exige a obra reveladora e incorporadora do Espírito Santo. Não é ideal, nem teoria, nem credo. Perceberemos a diferença se realmente a virmos. Portanto, insistimos na necessidade da revelação e incorporação do Espírito Santo.

No que se refere à obra do Senhor Jesus na cruz, ela também necessita da revelação do Espírito Santo para

nos apropriarmos dela. Temos de perceber que o Senhor Jesus não só morreu *por* nós, mas também *como* se fosse nós. O Espírito de Deus já lhe fez tal revelação? Você sabe que, quando Cristo morreu, você também morreu; que quando ele foi sepultado, você também foi; que quando ele ressuscitou, você reapareceu nele? Na base da ressurreição o julgamento terminou, e não há mais condenação. Possivelmente isto só esteja na Bíblia para nós, mas é preciso que também seja revelado em nós, tornando-se assim parte de nossa vida real.

O testemunho de Jesus Cristo está depositado em um vaso; a igreja que é o corpo de Cristo é esse vaso. Nós somos membros do corpo de Cristo. Somos chamados a fim de que a verdade do testemunho no vaso seja revelada e incorporada em nós. Por causa disto, devemos

> batalhar diligentemente pela fé que uma vez por todas foi entregue aos santos. Pois, certos indivíduos se introduziram com dissimulação, os quais, desde muito, foram antecipadamente pronunciados para esta condenação, homens ímpios, que transformam em libertinagem a graça de nosso Deus, e negam o nosso único Soberano e Senhor, Jesus Cristo (Judas 3-4).

4.
A ARCA: O CENTRO DO TABERNÁCULO

Texto Bíblico: Êxodo 25:10-22.

A arca ocupa um lugar muito significativo dentro da Bíblia. Foi o primeiro item mencionado por Deus quando ordenou a Moisés que construísse o tabernáculo. No dia em que o tabernáculo foi levantado, foi o único objeto colocado no lugar santíssimo, embora no átrio se encontrasse o altar da oferta queimada e a pia, enquanto que no lugar santo havia o castiçal, a mesa com os pães da proposição e o altar de ouro com o incenso (vede Êxodo 40:17-33). Ali no lugar santíssimo Deus se encontrava com os homens, e do propiciatório sobre a arca, entre os dois querubins, falava-lhes. A arca foi, portanto, o centro do tabernáculo.

Primeiro

Vamos, em primeiro lugar, examinar o nome. No livro do Êxodo o nome é "arca" ou "arca do

testemunho". Mas também recebeu o nome de "arca da aliança". O próprio nome e sua localização dentro do tabernáculo mostram que o testemunho de Deus está no meio do povo de Israel. Onde está a arca, está a presença de Deus. Onde se encontra, há também a lei de Deus. No livro de Números a arca recebeu outro nome — a arca da aliança (vede 10:33; 14:44). Isto indica o relacionamento entre a arca e a aliança. Onde estiver a arca, estará a aliança do Senhor. Além disso, no livro de Samuel, recebe ainda outra designação. É chamada de "arca de Deus" (vede 1 Samuel 4:11, 13, 17, 19, 21, 22). Simboliza o fato de que a presença da arca também é a presença de Deus. A arca representa Deus. Sua presença com o povo prova a presença de Deus com ele.

Segundo

Vamos ainda investigar mais sobre o que a arca tipifica. Muito simplesmente, tipifica o Senhor Jesus: 1) A arca no tabernáculo significava a presença de Deus com seu povo. Semelhantemente, o Senhor Jesus veio para indicar a presença de Deus conosco hoje, e por isso ele é chamado Emanuel (Mateus 1:23). Onde ele está, Deus também está. 2) A arca do Antigo Testamento encontrava-se no lugar santíssimo; e Cristo está hoje no santuário celestial (Hebreus 8:2, comp. 9:24). 3) Quando Deus ordenou aos israelitas que construíssem o tabernáculo, a primeira coisa que mencionou foi a arca. E isto dá a entender que o Senhor Jesus é o centro de todas as coisas. 4) A arca era feita de madeira de acácia, recoberta de ouro puro por dentro e por fora. A madeira de acácia é muito resistente, por isso sugere a humanidade de nosso

Senhor. E o ouro puro nas Escrituras sempre representa a justiça de Deus, a glória de Deus e tudo o que se refere a Deus; e, assim, indica a divindade de nosso Senhor. Cristo é ambos, homem e Deus; tem natureza humana como também divina.

Muita coisa mais na arca ainda fala de Cristo, conforme veremos nos parágrafos seguintes.

A arca tinha dois côvados e meio de comprimento, um côvado e meio de largura, e um côvado e meio de altura. Sobre ela se encontrava o propiciatório que servia de tampa para a arca. Era feito de ouro puro e tinha o mesmo comprimento e largura da arca. Além disso, dois querubins de ouro batido encontravam-se assentados nas duas extremidades do propiciatório, com suas asas abertas cobrindo-o. Estes dois querubins olhavam para o propiciatório um de frente para o outro (e sabemos que os querubins manifestam a glória de Deus — vede Ezequiel 9:3, Hebreus 9:5). Deus dissera a Moisés: "Ali virei a ti, e, de cima do propiciatório, do meio dos dois querubins que estão sobre a arca do testemunho, falarei contigo acerca de tudo o que eu te ordenar para os filhos de Israel" (Êxodo 25:22). Dali ele os guiaria daquele momento em diante. Durante o período do Antigo Testamento toda a graça de Deus fluía da arca; e, igualmente, durante o período da Nova Aliança, recebemos tudo através de Cristo. Somos informados em Levítico 16 que, uma vez por ano, no sétimo mês, no grande dia da expiação, o sumo sacerdote levava o sangue do novilho e do bode para dentro do lugar santíssimo e aspergia com ele o propiciatório. Do mesmo modo o Senhor realizou a obra da redenção, derramando o seu sangue, e o seu sangue lembra a Deus

continuamente o nosso perdão, uma vez que a obra da redenção já foi realizada. Resumindo, a arca tipificava como a graça nos foi dada através de Cristo. Tendo Cristo, temos a presença de Deus conosco: por causa dele podemos receber a orientação de Deus.

Nos quatro cantos da arca havia quatro argolas de ouro e duas varas de acácia recobertas de ouro eram colocadas nessas argolas para carregar a arca. As varas ficavam nas argolas da arca; não deviam ser retiradas. Isto significava que a arca podia ser carregada a qualquer hora. Portanto a arca tinha uso duplo. De um lado, era o centro da adoração, estando colocada no lugar santíssimo, onde Deus se encontrava com os homens. Se alguém desejasse adorar a Deus tinha de se colocar diante da arca, pois sem a arca não era possível a adoração. De outro lado, servia de guia para o povo de Deus — ia na frente, com o povo de Israel a segui-la (vede Números 10:33, Josué 3:3). Não podiam ir simplesmente para onde desejassem; tinham de seguir a arca. Vemos aqui simbolicamente como Cristo nos leva pelo caminho que está a nossa frente. Como a arca viajava? Eis o que dizem as Escrituras:

> Quando partir o arraial, Arão e seus filhos virão, e tirarão o véu de cobrir, com ele cobrirão a arca do testemunho; e, por cima, lhe porão uma coberta de peles de animais marinhos, e sobre ela estenderão um pano, todo azul, e lhe meterão os varais (Números 4:5-6).

Temos aqui a explicação detalhada de que para viajar a arca devia ser coberta com três coberturas:

primeiro, o véu que separava o lugar santíssimo do lugar santo era retirado e colocado sobre a arca; segundo, uma coberta de peles de animais marinhos; e terceiro, uma coberta toda azul por cima. Quando a arca era trazida para fora, proclamava a vinda de Cristo, pois sabemos pelo Novo Testamento que o véu apontava para a carne de Cristo (veja Hebreus 10:20). E, agora, depois que foi rasgado (vede Marcos 15:38), o Cristo que proclamamos tornou-se, assim, passível de aproximação. A pele dos animais marinhos tem uma aparência grosseira, expressando em figura a santidade de nosso Senhor — como ele foi rejeitado pelos homens. O pano todo azul tem significado espiritual por causa de sua cor. O azul na Bíblia representa aquilo que é celestial (pois o céu é azul), assim como o branco representa a justiça, o ouro a glória de Deus, e a púrpura indica autoridade. O Cristo que seguimos parece que não tinha beleza exterior, tal como a pele dos animais marinhos, mas ele é celestial como indica o pano todo azul. Embora fosse rejeitado pelos homens, não obstante agradou a Deus. Resumindo, então, o Cristo que proclamamos ser o Senhor, é passível de aproximação, foi rejeitado pelos homens, mas agradou a Deus.

Terceiro

Vamos agora examinar rapidamente a história da arca, no que perceberemos não só o relacionamento entre a arca e o povo de Israel, mas também o de Cristo e nós.

A arca atravessando o Rio Jordão

Como o povo de Israel atravessou o Rio Jordão

quando entrou em Canaã?

> Disse mais Josué: Nisto conhecereis que o Deus vivo está no meio de vós. . .Eis que a arca da aliança do Senhor de toda a terra passa o Jordão diante de vós. . .porque há de acontecer que, assim que as plantas dos pés dos sacerdotes que levam a arca do Senhor, o Senhor de toda a terra, pousem nas águas do Jordão, serão elas cortadas, a saber, as que vêm de cima, e se amontoarão. Tendo partido o povo das suas tendas, para passar o Jordão, levando os sacerdotes a arca da aliança diante do povo; e quando os que levavam a arca chegaram até ao Jordão, e os seus pés se molharam na borda das águas (porque o Jordão transbordava sobre todas as suas ribanceiras, todos os dias da sega), pararam-se as águas, que vinham de cima; levantaram-se num montão, mui longe da cidade Adão, que fica ao lado de Zaretã; e as que desciam ao mar da Arabá, que é o Mar Salgado, foram de todo cortadas; então passou o povo defronte de Jericó. Porém os sacerdotes que levavam a arca da aliança do Senhor, pararam firmes no meio do Jordão, e todo o Israel passou a pé enxuto, atravessando o Jordão (Josué 3:10-17).

Esta passagem da Bíblia nos fala de como a arca conduziu o povo de Israel para Canaã. A arca foi a última a sair da água, como também a primeira a entrar. Disto percebemos que um poder maior do que a morte conduziu os israelitas em segurança na travessia do rio Jordão. Do mesmo modo, nós que morremos, também somos ressuscitados com Cristo, exatamente como Israel passou pela "morte" do Jordão sob a liderança da arca.

A arca na tenda de Silo

Depois que os filhos de Israel entraram em Canaã e a guerra acabou, toda a congregação reuniu-se em Silo para levantar ali a tenda da congregação (vede Josué 18:1). Quando Eli, o sacerdote, envelheceu, seus dois filhos tornaram-se homens desprezíveis. Não conheciam a Jeová, embora servissem como sacerdotes. Eli nada podia fazer, pois amava os filhos mais do que a Deus. E assim um homem de Deus profetizou o seguinte: "E verás o aperto da morada de Deus" (1 Samuel 2:32). Isto significava que Deus se afastaria da tenda.

> O jovem Samuel servia ao Senhor perante Eli. Naqueles dias a palavra do Senhor era mui rara; as visões não eram freqüentes. Certo dia, estando deitado no lugar acostumado o sacerdote Eli, cujos olhos já começavam a escurecer-se, a ponto de não poder ver, e tendo-se deitado também Samuel, no templo do Senhor, em que estava a arca, antes que a lâmpada de Deus se apagasse, o Senhor chamou o menino (1 Samuel 3:1-4).

Embora a lâmpada ainda não estivesse apagada diante da arca no santuário de Deus, e a aparência exterior da tenda continuasse como antes, a presença de Deus logo se ausentaria. Então, nesse momento, Deus não chamou a Eli, mas a Samuel; não transmitiu sua palavra a Eli, mas a Samuel. Mais tarde deixou Eli de lado e escolheu o menino Samuel. Estabeleceu este último por profeta em Israel (1 Samuel 3:20).

Não muito tempo depois a arca teve de sair de Silo. Está registrado em 1 Samuel 4 que "Voltando o povo

ao arraial, disseram os anciãos de Israel: Por que nos feriu o Senhor hoje diante dos filisteus? Tragamos de Silo a arca da aliança do Senhor, para que venha no meio de nós, e nos livre da mão de nossos inimigos" (v. 3). Enquanto o povo de Israel se ocupava na luta contra os filisteus, achou que se carregasse a arca sairia vitorioso. E por isso retiraram a arca da tenda de Deus em Silo e a levaram para o campo da batalha. Quando a arca entrou no arraial, todo Israel gritou em altas vozes (1 Samuel 4:5). Vemos, assim, que em momentos de apertura o povo pensava aproveitar-se da arca; mas, como conseqüência, até a arca foi feita prisioneira. Pensaram que com a arca entre eles, Deus tinha obrigação de ajudá-los, pois como poderia ele abandoná-los? Mas Deus não fez o que eles esperavam. Deixou que fossem derrotados e até permitiu que a arca fosse capturada pelos inimigos (vede 1 Samuel 4:10-11).

Oh! como este assunto é sério. Se alguém imagina que sairá vitorioso só porque repete vaidosamente, palavras tais como "eu tenho Deus", "em nome do Senhor", "é claro que Deus está conosco", comete o mesmo erro dos israelitas de antigamente. A nação de Israel foi derrotada pelos filisteus porque se esqueceu de resolver a questão dos seus pecados. Não teve em mente que, enquanto os pecados não fossem resolvidos, jamais alcançariam vitória. Ignoravam o fato de sua rebeldia contra Deus, enquanto sonhavam com a vitória apegando-se à arca. Que erro trágico! Ninguém pode usar a arca deste modo.

Vamos nos lembrar sempre que as coisas espirituais não ficam sujeitas ao uso da carne, nem o nome de Cristo deve ser jamais usado pela carne. Se alguém

pensa aproveitar-se das coisas espirituais, usando o nome do Senhor, será totalmente derrotado. Não sabendo que a glória do Senhor já havia partido, o povo de Israel pensou em usar a arca de Deus. Deus, entretanto, permitiu que sua arca fosse feita prisioneira. Vamos entender que o Senhor não abandonou a tenda de Silo porque a arca foi feita prisioneira; antes, a arca foi capturada porque o Senhor abandonou o tabernáculo de Silo (comp. Salmo 78:60-61). Depois que a arca de Deus saiu do tabernáculo de Silo, nunca mais retornou.

A arca entre os filisteus

O que aconteceu à arca depois que foi levada à terra dos filisteus? Vamos nos lembrar novamente através deste acontecimento o que aprendemos antes, que a arca era capaz de proteger-se sozinha.

> Os filisteus tomaram a arca de Deus, e a levaram de Ebenézer a Asdode. Tomaram os filisteus a arca de Deus, e a meteram na casa de Dagom, junto a este. Levantando-se, porém, de madrugada os de Asdode, no dia seguinte, eis que estava caído Dagom com o rosto em terra diante da arca do Senhor; tomaram-no e tornaram a pô-lo no seu lugar. Levantando-se de madrugada no dia seguinte, pela manhã, eis que Dagom jazia caído de bruços diante da arca do Senhor; a cabeça de Dagom e as duas mãos estavam cortadas sobre o limiar; dele ficara apenas o tronco. . .Porém a mão do Senhor castigou duramente os de Asdode, e os assolou e os feriu de tumores, tanto em Asdode como no seu território (1 Samuel 5:1-6).

Os homens de Asdode ficaram aterrorizados e por

isso mandaram reunir todos os príncipes dos filisteus para se aconselharem sobre o que fariam. A decisão foi levar a arca de Deus a Gate. E aconteceu que, depois que a arca chegou lá, os homens da cidade, grandes e pequenos, foram acometidos de tumores. Por isso enviaram a arca de Deus a Ecrom, mas os ecromitas gritaram: "Transportaram até nós a arca do Deus de Israel, para nos matarem, a nós e ao nosso povo" (v. 10). Eles também mandaram reunir todos os príncipes dos filisteus, pedindo que a arca fosse enviada de volta ao seu lugar original. Enquanto isso a arca de Jeová ficou na terra dos filisteus por sete meses.

Como finalmente mandaram de volta a arca de Deus para Israel? Os sacerdotes e os adivinhos deles inventaram um modo novo e singular: 1) Construíram um carro novo, colocaram nele a arca de Jeová e fizeram-no ser puxado por duas vacas leiteiras afastadas de suas crias. 2) Prepararam também uma oferta pela culpa na forma de cinco tumores de ouro e cinco ratos de ouro e os colocaram em um cofre ao lado da arca que deveria ficar sobre o carro. Então sugeriram aos filisteus que observassem e, "se subir pelo caminho rumo do seu território a Bete-Semes, foi ele [Jeová] que nos fez este grande mal; e, se não, saberemos que não foi a sua mão que nos feriu; foi casual o que nos sucedeu" (6:9). Sabemos que aconteceu um milagre, pois o carro puxado pelas duas vacas leiteiras foram diretamente pelo caminho até o território de Bete-Semes. Com isto os príncipes dos filisteus ficaram plenamente convencidos. E foi por isso que dissemos antes que a arca de Deus era capaz de proteger-se a si mesma.

A arca em Bete-Semes

O que aconteceu depois que a arca chegou a Bete-Semes? "Andavam os de Bete-Semes fazendo a sega do trigo no vale, e, levantando os olhos, viram a arca; e, vendo-a, se alegraram" (1 Samuel 6:13). Mas seguiu-se uma tragédia, pois

> Feriu o Senhor os homens de Bete-Semes, porque olharam para dentro da arca do Senhor, sim, feriu deles setenta homens; então o povo chorou, porquanto o Senhor fizera tão grande morticínio entre eles. Então disseram os homens de Bete-Semes: Quem poderia estar perante o Senhor, este Deus santo? e para quem subirá desde nós? Enviaram, pois, mensageiros aos habitantes de Quiriate-Jearim, dizendo: Os filisteus devolveram a arca do Senhor; descei, pois, e fazei-a subir para vós outros (6:19-21).

A presença de Cristo é realmente a coisa mais bendita que existe; não obstante, as pessoas também precisam ser santas. Por terem olhado dentro da arca de Deus, negligentemente, sem nenhum temor em seus corações, Deus matou muitos dos homens de Bete-Semes. E por causa disso não quiseram conservar a arca entre eles. Como é triste que, em lugar de resolver a causa do castigo, o povo de Bete-Semes rejeitasse a presença do Senhor.

A arca em Quiriate-Jearim

Qual foi a atitude dos homens de Quiriate-Jearim para com a arca?

> Então vieram os homens de Quiriate-Jearim, e levaram a arca do Senhor à casa de Abinadabe, no outeiro; e consagraram a Eleazar, seu filho, para que guardasse a arca do Senhor. Sucedeu que, desde aquele dia, a arca ficou em Quiriate-Jearim, e tantos dias se passaram que chegaram a vinte anos; e toda a casa de Israel dirigia lamentações ao Senhor (1 Samuel 7:1-2).

A arca saiu de Silo para nunca mais retornar. Em lugar disso, ficou em Quiriate-Jearim na casa de Abinadabe durante vinte anos. O tabernáculo ficou em Silo, mas não havia arca nele. Como Silo ficou vazio! Agora, entretanto, a casa de Abinadabe foi privilegiada com a presença do Senhor. Temos de sublinhar o fato da arca nunca mais ter retornado a Silo e fazer esta pergunta séria a nós mesmos: Será que somos como os homens de Bete-Semes que tiveram medo da presença do Senhor, ou como os homens de Quiriate-Jearim que receberam bem a presença do Senhor?

A arca na casa de Obede-Edom

Vinte anos se passaram e Davi tornou-se rei. Imediatamente desejou que a arca fosse levada para Jerusalém. "Consultou Davi os capitães de mil e os de cem, e todos os príncipes, e disse a toda a congregação de Israel: ". . .tornemos a trazer para nós a arca do nosso Deus; porque nos dias de Saul não nos valemos dela" (1 Crônicas 13:1-3). Foi certo e bom que Davi pensasse em levar a arca de Deus para

Jerusalém. Mas como ele e o povo fizeram a transferência?

> Puseram a arca de Deus num carro novo, e a levaram da casa de Abinadabe, que estava no outeiro; e Uzá e Aiô, filhos de Abinadabe, guiavam o carro novo. . .Davi e toda a casa de Israel alegravam-se perante o Senhor, com toda sorte de instrumentos de pau de faia, com harpas, com saltérios, com tamboris, com pandeiros e com címbalos (2 Samuel 6:3-5).

De todo inesperadamente, entretanto, uma coisa horrível aconteceu nesta ocasião de grande regozijo.

> Quando chegaram à eira de Nacom, estendeu Uzá a mão à arca de Deus, e a segurou, porque os bois tropeçaram. Então a ira do Senhor se acendeu contra Uzá, e Deus o feriu ali por esta irreverência; e morreu ali junto à arca de Deus. . . Temeu Davi ao Senhor naquele dia, e disse: Como virá a mim a arca do Senhor? Não quis Davi retirar para junto de si a arca do Senhor, para a cidade de Davi; mas a fez levar à casa de Obede-Edom, o geteu. Ficou a arca do Senhor em casa de Obede-Edom, o geteu, três meses; e o Senhor o abençoou e a toda a sua casa (2 Samuel 6:6-11).

Davi não investigou a causa do acontecido; em lugar disso, recusou-se a levar a arca para a cidade de Davi simplesmente porque Uzá fora morto. Mas observem que a casa de Obede-Edom recebeu bem a arca, resultando que foi abundantemente abençoada por Deus. Novamente, precisamos perguntar: Será que devemos evitar a presença do Senhor para que Deus não nos toque? Ou será melhor que, tal como a casa de Obede-Edom, recebamos bem a sua presença?

Onde estava o erro de Davi? Quando desejou levar a arca de Deus a Jerusalém, deixou de examinar o livro da Lei para saber como a arca deveria ser carregada, mas consultou os capitães de mil e os de cem. De acordo com o registro de Números 4:4-15, a arca devia ser carregada pelos levitas. Deus jamais instruíra Israel a levar a arca sobre um carro de bois; isto Davi e seus conselheiros aprenderam com os filisteus incircuncisos. Considerando que os filisteus não sabiam nada, foram desculpados por Deus. Mas para Davi foi imperdoável seguir o modo dos filisteus em lugar da ordem do Senhor. Isto deveria nos ensinar que se inventamos um novo modo de expressar nosso zelo por Deus, outro que não o definido na Bíblia e que não se conforma com a sua vontade, não teremos capacidade de mantê-lo por muito tempo, pois dentro de pouco tempo alguma coisa vai acontecer. No começo pode haver música e danças, grande entusiasmo e grandes multidões, mas logo tudo cessará. Qualquer coisa que seja simplesmente motivada pela paixão temporária não é agradável ao Senhor.

Em todos os assuntos relacionados com a vida pessoal do crente e a igreja, Deus não permite qualquer toque da carne do homem nem vai permitir que qualquer pessoa altere o que ele estabeleceu. É inegável que Uzá estendeu sua mão para ajudar a arca (sem dúvida por causa do seu amor e zelo). Mas sabemos que Deus não ficou satisfeito, porque não permitiu que Uzá tocasse a arca com sua mão de carne. Em outras palavras, o Senhor não tolerará que carne alguma apóie nosso erro. Você pode achar que

o seu modo de pensar é melhor do que o modo estabelecido por Deus; não obstante, você está proibido de fazer como quer. Você só pode seguir o que Deus ordenou; caso contrário, sofrerá as conseqüências do juízo do Senhor.

Alguns talvez perguntem por que não vemos o juízo de Deus na igreja onde muitos estão substituindo a vontade de Deus pelos meios carnais? Vamos responder, dizendo, *com temor e tremor*, se não for pelo fato de não ter ainda chegado a hora de Deus julgar a situação, talvez seja porque a arca (isto é, a presença de Deus) já se ausentou. Que jamais sejamos tentados a zombar do Senhor por causa de sua indulgência e paciência.

A arca no tabernáculo de Davi

Ignorando por que Deus feriu Uzá de morte, Davi não se atreveu a levar a arca para Jerusalém. Mas quando ouviu contar que Jeová abençoara a casa de Obede-Edom por causa da arca, desceu e foi buscar a arca, levando-a daquela casa para a cidade de Davi com alegria (vede 2 Samuel 6:12 e 1 Crônicas 15:25). Desta vez, entretanto, foi diferente do primeiro episódio. Pois desta vez Davi cuidadosamente preparou a subida da arca, dizendo que "ninguém pode levar a arca de Deus, senão os levitas; porque o Senhor os elegeu, para levar a arca de Deus, e o servirem para sempre" (1 Crônicas 15:2). Ele tinha aprendido a lição. Primeiro pensava que podia fazer o que os filisteus tinham feito; desta vez ele sabia que devia servir a Deus como Deus queria, não segundo o homem. Por isso, agora, mandou que os levitas carregassem a arca. E o resultado foi que

> Introduziram, pois, a arca de Deus, e a puseram no meio da tenda que lhe armara Davi; e trouxeram holocaustos e ofertas pacíficas perante Deus. Tendo Davi acabado de trazer os holocaustos e ofertas pacíficas, abençoou o povo em nome do Senhor (1 Crônicas 16:1-2).

Salomão e a arca

A arca teve mais um outro incidente. "Foi o rei [Salomão] a Gibeom para lá sacrificar, porque era o alto maior; oferceu mil holocaustos Salomão naquele altar" (1 Reis 3:4). De noite Jeová lhe apareceu em um sonho. Ele pediu ao Senhor que lhe desse sabedoria, e a recebeu junto com outras coisas que não pedira. O que Salomão fez, depois que acordou? "Veio a Jerusalém, pôs-se perante a arca da aliança do Senhor, ofereceu holocaustos, apresentou ofertas pacíficas, e deu um banquete a todos os seus oficiais" (vede 1 Reis 3:5-15). A esta altura precisamos ler 2 Crônicas 1:3-4:

> E foi [Salomão] com toda a congregação ao alto que estava em Gibeom, porque ali estava a tenda da congregação de Deus, que Moisés, servo do Senhor, tinha feito no deserto. Mas Davi fizera subir a arca de Deus de Quiriate-Jearim ao lugar que lhe havia preparado, porque lhe armara uma tenda em Jerusalém (2 Crônicas 1:3-4).

Nessa ocasião a tenda já estava em Gibeom, mas a arca não estava lá. O problema era o seguinte: em Gibeom estava a tenda enquanto que a arca estava em Jerusalém. A primeira coisa que Salomão fez depois

que recebeu sabedoria foi retornar a Jerusalém para oferecer sacrifícios diante da arca. Nunca mais continuou a oferecê-los em Gibeom. Isto marcou um ponto alto na vida de Salomão. Aparentemente a tenda de Silo tinha *tudo*. Não continha o altar de bronze, a pia, o candelabro, a mesa com os pães da proposição e o altar de ouro para o incenso? (Pois devemos entender que o tabernáculo de Gibeom foi aquele que originalmente estava localizado em Silo, uma vez que 2 Crônicas 1 declara explicitamente que o tabernáculo em Gibeom foi o que "Moisés, servo do Senhor, tinha feito no deserto", v. 3). *Mas*, uma coisa faltava, e era a arca. As pessoas consideram a sua ausência como coisa sem importância, não reconhecendo que a arca representa a presença de Deus. Contudo, por melhor que o restante seja, nem o coração de Deus nem nossos corações ficarão satisfeitos se a sua presença estiver faltando.

Antes do Senhor lhe aparecer, Salomão não percebeu nem sentiu o significado da arca; mas quando experimentou a presença do Senhor, tomou consciência da preciosidade dela sobre todas as outras coisas. Resultou daí que imediatamente retornou a Jerusalém e ofereceu sacrifícios diante da arca de Jeová. Em Gibeom Salomão só oferecera holocaustos; mas agora ofereceu holocaustos e ofertas pacíficas e fez uma festa para todos os seus servos. Oh! adorar diante de Deus é verdadeira adoração, ter comunhão com Deus é ter verdadeira comunhão e regozijar-se na presença de Deus é verdadeira alegria. Foi o que Salomão experimentou, experiência partilhada por muitos que conhecem o Senhor. Então, depois que Salomão construiu o santo templo, colocou a arca

nele. E a arca tornou-se o centro do santo templo (vede 2 Crônicas 5:1-9). Oh! Arca de Deus, Arca Preciosa, todos os que te conhecem te buscam e adoram diante de ti.

Quarto

Tendo recapitulado tanto a história da arca, deveríamos agora desejar compreender de maneira mais clara o relacionamento entre Cristo e a igreja. Já vimos que a arca é um tipo de Cristo. E a travessia do Jordão pela arca são figuras da morte e ressurreição de nosso Senhor. Portanto, depois de nós mesmos nos apropriarmos da morte e ressurreição do Senhor, podemos começar a proclamá-lo, dizendo às pessoas que o véu foi rasgado e que Cristo já abriu para nós um caminho novo e vivo que leva diretamente a Deus. Também informamos às pessoas que o Cristo que proclamamos é desprezado pelos homens mas exaltado por Deus; ele é desprezado como a pele dos animais marinhos, mas agradável a Deus como o pano azul; ele é o Cristo glorioso.

No começo a igreja anunciava um Cristo celestial. Isto, entretanto, sofreu mudanças já no tempo dos apóstolos. Pois, no tempo de Paulo, havia alguns que pregavam "um evangelho diferente" (Gálatas 1:6-7). Pedro, também, percebeu-o e advertiu contra "as heresias destruidoras" (2 Pedro 2:1-3). Além disso, João exortou os crentes a vigiarem por causa do "enganador e o anticristo" (2 João 7). Todas estas advertências nos dão alguma indicação quanto ao começo da confusão da palavra do Senhor. Constantino foi elevado à posição de César romano e, logo depois, fez

do Cristianismo a religião do estado. O bispo em Roma mais tarde tornou-se titular de todo o sistema católico. O nome de Cristo, que deveria ficar exclusivamente na igreja, saiu — nessa conjuntura — fora dos limites da igreja. Tal acontecimento não foi diferente do que aconteceu com a arca de antigamente. A arca que estava originalmente em Silo foi então removida para a terra dos filisteus. E tendo deixado Silo, nunca mais retornou para lá. Lembrem-se das palavras de Deus na boca de Jeremias: "Então farei que esta casa [o templo de Salomão] seja como Silo, e farei desta cidade maldição para todas as nações da terra" (Jeremias 26:6). O que mais tarde aconteceu ao templo aconteceu ao tabernáculo de Silo; isto é, embora o tabernáculo permanecesse em Silo, fora abandonado por Deus desde que sua presença [a arca] já não estava mais lá.

Oh! como os filhos de Deus precisam de revelação, o tipo de revelação que Salomão recebeu. O Senhor apareceu-lhe e lhe abriu os olhos para ver a preciosidade da arca e a vacuidade do tabernáculo *sem* a arca. E, como conseqüência, que grande mudança houve em sua vida.

Deixem-me perguntar: O que vocês desejam — a arca de Deus ou o tabernáculo sem a arca? Você prefere Cristo em forma religiosa sem o próprio Cristo? Devemos considerar se honramos o Senhor, se o tornamos o centro de tudo ou se simplesmente queremos manter o tabernáculo de Silo sem a arca. As pessoas sempre entesouram o tabernáculo em Silo e apegam-se tenazmente a ele. Presumem que, tendo uma vez constituído o santo templo, será assim para sempre. Tal presunção não é verdadeira, entretanto,

pois Jeremias profetizou: "Não confieis em palavras falsas, dizendo: Templo do Senhor, templo do Senhor, templo do Senhor é este" (Jeremias 7:4). Deus reprovou o povo de Israel porque eles não se preocupavam com coisa alguma a não ser em confiar em palavras mentirosas. Três vezes a frase "templo do Senhor" foi enfaticamente repetida pelo profeta. Quem realmente em Israel sabia que o templo era o templo do Senhor só porque Deus estava ali no centro? Se Deus se ausentasse do templo, aquele templo não seria nada mais que um edifício comum.

Oh! vamos reconhecer que o que é precioso é a arca e não o o tabernáculo, porque a arca é o centro do tabernáculo. Nossa questão, portanto, deve-se resumir nisto: Será que Cristo é verdadeiramente o centro, ou o que há é um mero tabernáculo vazio? Se verdadeiramente apreciamos Cristo, precisamos procurar o lugar onde ele é realmente o centro. Onde quer que esteja o nome de Cristo, nós também deveríamos estar lá. O lugar no qual você se encontra agora é o centro? Se é, vamos louvar e agradecer a Deus. Mas se não é, que Deus abra nossos olhos para que possamos imediatamente retornar à "Jerusalém lá de cima" (Gálatas 4:26) e adorarmos diante da arca da presença de Deus como Salomão fez depois de receber a revelação. E se o fizermos, perceberemos como foram vãs nossas obras zelosas do passado; vamos desfrutar a alegria e o descanso diante da arca; e vamos começar a servir e a adorar verdadeiramente. Que todos nós tenhamos a revelação de ver a preciosidade do Senhor, de torná-lo o tesouro e o centro, que ofereçamos o holocausto da consagração e que vivamos para Deus e para sua satisfação!

5.
DE ACORDO COM O PADRÃO

Os quais ministram em figura e sombra das cousas celestes, assim como foi Moisés divinamente instruído, quando estava para construir o tabernáculo; pois diz ele: Vê que faças todas as cousas de acordo com o modelo que te foi mostrado no monte (Hebreus 8:5).
Também da soberba guarda o teu servo, que ela não me domine; então serei irrepreensível, e ficarei livre de grande transgressão (Salmo 19:13).

Primeiro

O elemento mais importante na obra espiritual é conhecer "o modelo que foi mostrado no monte". Sem dúvida há uma porção de coisas de importância vital para a eficácia espiritual e aceitação divina; mas entre elas, "o modelo que foi mostrado no monte" pode ser considerado fundamental. É essencialmente o conselho de Deus; a falta de compreensão exclui a possibilidade de fazer a obra de Deus.

O livro de Hebreus nos diz que o tabernáculo foi

feito de acordo com o padrão que Deus mostrou a Moisés no Monte Sinai. Antes de construir o tabernáculo, Moisés teve de permanecer quarenta dias e quarenta noites no monte para receber de Deus o padrão do tabernáculo. Havia um desenho definido para tudo no tabernáculo, desde o lugar santo até o altar, para cada camada de revestimentos, para cada tipo de material usado, e para cada variedade de cores escolhidas. Nada foi deixado ao gosto pessoal; tudo foi feito de acordo com a encomenda. Cada peça de mobília no tabernáculo — incluindo o altar, a pia, a mesa, o castiçal, o incensário, a arca e assim por diante — foi feita de acordo com as especificações dadas por Deus quanto ao material, medida e cor. Nenhum só aspecto foi criado pela idéia do próprio Moisés.

Do mesmo modo, Deus tem o seu plano pré-estabelecido quanto à obra da edificação da igreja. Não considerando se são assuntos importantes ou sem importância, ele tem o seu próprio modo específico. Assim como Moisés não era responsável pelo plano do tabernáculo mas somente pela construção de acordo com o padrão que lhe foi mostrado no monte, assim a glória do servo de Cristo não jaz em sua engenhosidade na obra de Deus, mas, antes, na cuidadosa execução do que compreende ser a vontade de Deus. Conhecer o conselho do Senhor e executá-lo de acordo é a glória do servo de Cristo.

Uma irmã que serviu ao Senhor por muitos anos disse numa determinada ocasião: "O homem absolutamente não tem liberdade na obra de Deus." Quando Moisés edificou o tabernáculo, não teve liberdade de decidir se um preguinho devia ser feito

de ouro ou prata. Fez cada item de acordo com o que o Senhor ordenou.

O homem Moisés era muito manso (Números 12:3). Mas o que é mansidão? É a compaixão que se opõe à dureza. Fazia tudo o que Deus mandava. Fez toda a obra de acordo com tudo o que o Senhor ordenava em relação ao material, cores, desenhos e dimensões. Foi considerado o mais manso dos homens porque nada fez de acordo com suas próprias idéias.

A maior das bênçãos para o servo de Cristo é chegar ao monte onde Deus dá ordens, para saber qual o trabalho que lhe foi destinado, e para ficar conhecendo o padrão da obra já pré-estabelecido. Quando você, na qualidade de servo de Cristo, apresenta-se diante do Senhor e procura uma tarefa, você lhe pede que mostre a hora e o modo de trabalhar? Ou será que você executa a obra de acordo com o conselho do homem, seu plano e decisão?

Algumas pessoas parecem pensar que Deus não tem um plano detalhado para a obra deles e que portanto muitas coisas são deixadas para serem feitas segundo a opinião de cada um. Não percebem que, na obra de Deus, não passam de servos que devem fazer o que lhes foi ordenado. Ainda não perceberam esta palavra na Bíblia: "Fazei tudo o que ele vos disser" (João 2:5). Esquecem que são apenas membros do corpo de Cristo cuja responsabilidade é "obedecer à cabeça" e ficar sob o controle absoluto dela. Imaginam que Deus precisa da vida natural e da energia deles para preencher o que está faltando no seu conselho.

Como deveríamos realmente pedir a Deus que nos revele e nos capacite a ver que Cristo é o Senhor

absoluto de sua obra! Nada que pertença à obra de Deus deve ser feito sem sua ordem. O poder do servo de Deus e o fruto da eficácia espiritual só se obtêm e se manifestam no servo que procura com simplicidade de pensamento conhecer a vontade de Deus e agir de acordo. Caso contrário, por mais ativo que seja o trabalho e por mais sucesso que tenha aparentemente, um dia ficará revelado, diante do tribunal de Cristo, que não passou de madeira, feno e palha queimados.

Segundo

"Também da soberba guarda o teu servo, que ela não me domine; então serei irrepreensível, e ficarei livre de grande transgressão" (Salmo 19:13). Deste versículo no salmo de Davi vemos que há dois tipos de pecado diante de Deus: um deles é o pecado da rebelião, o outro é o da presunção. Não fazer o que nos é ordenado é pecado de rebelião. Todos nós sabemos a profundidade deste tipo de pecado; e todos queremos ficar livres dele. Mas, por favor, notem que ao lado do pecado da rebelião também há o da presunção, que é, quando fazemos o que não nos manda fazer. Rebelião é deixar de fazer o que Deus ordenou, enquanto que presunção é fazer o que Deus nem ordenou. Estar ocupado fora da vontade do Senhor é presunção. De um lado Deus diz: Não adulterarás, não roubarás. Se alguém cometer um desses atos, é culpado. Todos nós sabemos. Mas, por outro lado, será que sabemos que também é pecado agir sem que Deus nos ordene? O Senhor considera pecado se agimos sem que ele ordene, de acordo com nossas próprias idéias, ainda que possamos achar que

estamos fazendo a melhor coisa do mundo. A oração de Davi foi que Jeová o guardasse do pecado da presunção.

Deus sabe o que ele quer. Por isso nos diz, através da Bíblia e do Espírito Santo, o que deseja para nós. O trabalho espiritual depende não de quantidade mas do encaixamento no propósito divino para que Deus possa usá-lo. O que mais deveria interessar ao servo de Cristo é saber o que Deus quer que faça, a que hora e de que jeito. Aquele que serve ao Senhor não tem necessidade absolutamente de fazer planos para o seu trabalho. Uma das características da Nova Aliança é que todos podem conhecer a vontade de Deus. Um servo de Cristo pode receber em seu espírito a revelação do Espírito Santo, discernindo assim claramente o que Deus exige dele. Tal conhecimento é real; não vem de sua imaginação nem do estímulo ou orientação de outras pessoas. Baseia-se nos ensinamentos da Bíblia e é revelado como ordem de Deus no recesso mais íntimo do seu ser pelo Espírito Santo que nele habita.

Mas quantos hoje em dia realmente conhecem a revelação espiritual? Quantos poderiam verdadeiramente dizer: "Eu tenho certeza"? Há muitas pessoas que substituem o trabalho de Deus por aquilo que acham que é bom e espiritual, desejável e supostamente proveitoso. Na obra do Senhor há provavelmente muito mais voluntários do que pessoas realmente escolhidas por ele. Muitos só podem dizer: "Cheguei"; mas não podem dizer "Fui enviado"! Por isso grande parte do que chamamos de trabalho divino está cheio de morte. São numerosos os empreendimentos que Deus não deseja mas que

são planejados pelos homens de acordo com seu próprio zelo e suposições. Chamam a tudo isso de obra de Deus, mas na realidade quase não têm nada de Deus nela.

O incentivador principal da verdadeira obra espiritual é o Senhor, não nós. Só somos responsáveis por conhecer a vontade divina. Qualquer coisa espiritualmente eficiente tem de se originar do coração de Deus; somos meramente cumpridores do que o Espírito Santo nos revela. Na verdade, todo o trabalho se origina de duas fontes: Deus e o homem; uma é o que Deus deseja enquanto a outra é o que o homem pensa que Deus deseja. Oh! vamos procurar saber que espécie de trabalho temos de fazer.

É lamentável que muitos servos de Deus ignoram ou não compreendem este pecado da presunção. Não foram levados pelo Espírito Santo ao lugar onde possam examinar-se rigorosamente e reconhecer que no trabalho divino não têm liberdade de dar a sua opinião porque o próprio Deus é o único Senhor. Como precisamos que o Espírito Santo nos convença do que é o pecado da presunção e como é terrível! Devemos perceber que fazer o que Deus *não* ordenou é tão pecado quanto não fazer o que Deus ordenou. Não devemos nos habituar a dizer: "Já que o Senhor não proibiu, por que não posso fazê-lo?" Antes, devemos freqüentemente manter esta atitude no coração: "Como posso fazer o que Deus não ordenou?" Aqueles que conhecem o Senhor apenas superficialmente presumem que podem fazer qualquer coisa que não seja proibida na Bíblia; mas aqueles que conhecem o Senhor mais profundamente

entendem que cometeriam o pecado da presunção se tentassem fazer o que as Escrituras não proibem mas que Deus não recomenda.

Reconheça este fato: quando você um dia for levado a conhecer a Deus mais profundamente, você verá que não deve fazer o que ele não tenha ordenado exatamente como não deve se rebelar contra o que ele tenha ordenado. Você será perfeito e útil se não seguir seus próprios pensamentos nas coisas não aconselhadas pelo Senhor. Um homem perfeito não comete o pecado da presunção. Se Deus não deu uma ordem, é preciso esperar sossegadamente. Assim a pessoa se torna útil e pode ser usada no trabalho do Senhor.

Com que freqüência, no trabalho de Deus, as pessoas não perguntam qual é a vontade dele, nem perguntam sobre a hora e o método certo. Esforçam-se no vigor de sua alma. Vamos compreender que a carne pode desejar ajudar como também resistir ao Senhor. Esta força da alma incita o zelo para com Deus, concebe idéias para o reavivamento da igreja de Deus, planeja a expansão do seu reino e luta para ganhar muitos pecadores. A motivação e a intenção dessas pessoas são boas, mas ignoram o que a vida natural pode fazer no reino do zelo, planejando e lutando. Não percebem que fazer o que Deus ordenou é a única coisa que importa; imaginam que o simples fazer a obra de Deus é uma coisa soberba. Ainda não perceberam que qualquer coisa que brote da vida natural não pode agradar a Deus, por mais puras que sejam as motivações, por melhores que sejam os alvos, ou por mais atraentes que sejam os resultados. Uma vez que não realizam a

vontade de Deus, não podem atingir o seu alvo. Não percebem, também, que Deus não concederá poder a nenhum trabalho que não seja de acordo com a sua vontade. E, conseqüentemente, consideram o seu zelo, opinião, emoções, esforços e lágrimas como dons divinos. E por isso, quem entre eles sabe que estão simplesmente usando o poder de sua vida natural para sustento de sua própria obra?

Qual é a causa da presunção? Nada pode explicá-la a não ser a expressão do ego. Embora muitas pessoas desejem obedecer quando recebem ordens, seus corações não se deleitam com a vontade de Deus porque continuam gostando de suas próprias idéias. Conseqüentemente, têm tendência de agir presunçosamente quando o Senhor fica em silêncio. Vou-lhes dizer que se não julgamos nossa carne e não tomamos a cruz que resolve o problema de nosso ego, de um lado talvez lutemos para obedecer a Deus quando recebemos ordens, mas de outro certamente agimos de acordo com nossos próprios pensamentos se não recebemos orientação.

Ser presunçoso na obra do Senhor não significa necessariamente ter má intenção. Antes de nos convertermos, nosso ego não gostava de servir a Deus; mas, depois de salvos, gostamos de servi-lo. Isto, então, torna-se um período muito perigoso. Pois, se anteriormente recusávamo-nos absolutamente a servir ao Senhor, agora desejamos fazê-lo, só que desejamos servi-lo do nosso modo. Deus, entretanto, exige não só que o sirvamos, mas também que o sirvamos do jeito que ele prefere. Com que freqüência seu povo se engana, pensando que Deus só exige o serviço e deixa o método à escolha do

homem. Que sejamos iluminados para ver que o Senhor não se agrada com serviço algum que não seja feito de acordo com a sua vontade. Além disso, deveríamos também ter certeza de que tanto a hora como o método de agir no trabalho têm de ser igualmente ordenados pelo Senhor.

Devemos reconhecer que, por mais correta que seja a motivação do homem, não pode substituir a vontade de Deus; não importa o sucesso que o esforço humano possa obter, carece da aprovação divina. Quantas têm sido as obras que foram feitas sem obediência ao Senhor, atendendo às necessidades circunstanciais, no desenvolvimento da vida espiritual dos crentes, ou na salvação das almas dos pecadores. Tais trabalhos talvez não fiquem sem frutos, mas nem os trabalhadores nem o trabalho satisfazem o coração do Senhor. O que devemos considerar primeiro é a necessidade divina do momento, não as exigências externas de santos ou pecadores. O objetivo principal de nosso trabalho é atender às necessidades *de Deus*, não às dos santos ou pecadores.

Oh! tomemos consciência de que somos servos *de Deus*. Embora ele nos tenha confiado sua obra, não obstante reserva-se a autoridade de dirigir os seus servos. Pois lembremo-nos de que em Antioquia o Espírito Santo chamou os servos do Senhor para o trabalho, mas Paulo e Silas não puderam ir para a Ásia como era de sua vontade. A autoridade sobre o movimento dos servos do Senhor está para sempre nas mãos do Espírito Santo (veja Atos 16:6 e segs.). A questão jaz não em se há necessidade na Ásia mas se Deus tem uma necessidade na Ásia *naquele momento*

particular. Quão maravilhosamente o livro de Atos mostra que o Espírito Santo que nos dá o poder de operar também é aquele que estabelece a direção e a hora para o nosso trabalho. Nossa responsabilidade no trabalho é simplesmente atender a necessidade divina do momento.

A Bíblia prova-nos o fato de que não somos alugados por Deus, mas comprados com o sangue de Jesus. E por causa disto, ele tem autoridade absoluta sobre nós e, portanto, não podemos seguir nossa própria vontade. Deus não nos designou nenhum trabalho para que decidamos como seria melhor fazê-lo. Não, ele tem ordens específicas para cada trabalho. Ele não se alegrará conosco, nem nos há de usar se pressupusermos qualquer coisa sem ordens definidas. Tais obras não podem enfrentar o fogo, e serão consumidas.

Finalmente, deveria observar-se que a Bíblia também afirma que Deus manifesta sua glória não só nas coisas grandes mas também nas pequenas. Nós, portanto, deveríamos permitir que tivesse destaque em todas as coisas. Deveríamos exaltá-lo como Senhor nos assuntos pequenos como também nos grandes. Ele está em tudo e em todos. Se o que fazemos não estiver de acordo com a sua vontade, poderemos ser louvados pelos homens mas certamente não aprovados por Deus.

Terceiro

A Bíblia ilustra o princípio que acabamos de examinar còm muitos exemplos. Consideremos, por exemplo, Nadabe e Abiú.

> Nadabe e Abiú, filhos de Arão, tomaram cada um o seu incensário, e puseram neles fogo, e sobre este, incenso, e trouxeram fogo estranho perante a face do Senhor, o que lhes não ordenara. Então saiu fogo de diante do Senhor, e os consumiu; e morreram perante o Senhor (Levítico 10:1-2).

A lei do incenso queimado exigia que toda vez que ele fosse queimado devia ser aceso com o fogo do altar. O erro de Nadabe e Abiú foi o de usar fogo estranho e não o fogo do altar; conseqüentemente foram consumidos pelo fogo na presença de Deus.

O altar é uma espécie de cruz. O incenso representa nosso serviço diante de Deus. O zelo pelo nosso serviço deve vir ou do altar ou da cruz. Qualquer um que não seguir esta lei morrerá. O que é a cruz? É o lugar onde o nosso ego é condenado à morte; também é o lugar onde permitimos que o Senhor viva. Isto concorda com Gálatas 2: "Estou crucificado com Cristo; logo, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim" (vs. 19 e 20). A cruz resolve os problemas de sabedoria, opinião, força, zelo, expectativas e desejos do nosso ego. Só depois que passamos por tal experiência estamos preparados para apresentarmo-nos a Deus e servi-lo.

Quem sabe quanto de nosso zelo é fogo estranho! Muitas vezes as pessoas conjecturam sobre como fazer prosperar a obra do Senhor e agradar a Deus; tais conjecturas estão todas de acordo com seus pensamentos carnais sem que tenham sido resolvidas pela cruz, nem negada sua astúcia. Zelo, sim, mas não de Deus. É realmente fogo, mas é fogo estranho e

não fogo do altar. Tudo o que não vem da cruz, diga-se, do altar da autonegação, é simplesmente fogo estranho. Tal fogo não é nada além de "fogo do ego" — aquilo que procede da vida da alma. É o fogo e o poder da vida natural. E sendo a vida do ego, interfere nos negócios de Deus. Os negócios indiscutivelmente pertencem a Deus, mas, mesmo assim, o ego decide como serão resolvidos. Se dependemos de nossa sabedoria, se usamos o nosso método, ou se insistimos em nossa opinião nos negócios do Senhor, estamos oferecendo fogo estranho — fogo que além de não ser aceitável a Deus, também causa nossa morte na sua presença.

Nadabe e Abiú eram filhos de Arão, e Arão era sumo sacerdote escolhido por Deus. O que aqueles dois homens fizeram não foi rebeldia contra Deus, pois sua intenção era queimar incenso, servir e agradar a Deus. Mas o que fizeram não fora ordenado por ele. Uma vez que falharam em se conformar com o método estipulado por Deus, foram julgados por ele. Aqueles dois filhos de Arão pensavam que, considerando que Deus não proibia o uso de outro fogo para queimar o incenso, aquele fogo estranho poderia ser usado; mas não entenderam que no serviço de Deus qualquer coisa que não seja especificamente ordenada por ele não deve ser feita por seus servos. Estavam cegos ao rigor divino. No serviço do Senhor, aquilo que ele não ordenou está proibido. Está errado e é pecado fazer tal coisa. Deus consumiu Nadabe e Abiú com fogo porque cometeram o pecado da presunção. Não os poupou, mesmo sendo filhos de Arão, escolhidos para serem sacerdotes.

Não cometeram adultério, nem roubo, como os filhos do sacerdote Eli; não se rebelaram contra a ordem explícita de Deus fazendo o que era proibido. Especialmente desejaram servir ao Senhor e agradá-lo. Por isso tomaram dos seus respectivos incensários e puseram fogo estranho no incenso, pensando que agradariam ao Senhor fazendo assim. Embora sua intenção fosse boa, não obstante serviram a Deus de acordo com seu próprio entendimento. Fizeram o que ele não mandara; fizeram alguma coisa fora de sua vontade. E tal atitude ofendeu-o. Quando servimos ao Senhor não devemos presumir que nossas boas intenções são sua vontade. Nossa intenção pode ser boa, mas se for feita presunçosamente, seremos castigados pelo pecado da presunção. Talvez em nossos trabalhos hoje não percebamos o severo juízo divino imediatamente; não obstante, todo o trabalho feito com fogo estranho será manifesto e julgado no tribunal de Cristo futuramente.

Que Deus nos abra os olhos para perceber este pecado. Não há dúvida que o adultério, o roubo, a perversão, a injustiça e a impureza são pecados, mas fazer a obra do Senhor, ou pregar, ajudar os outros e assim por diante, sem receber ordem divina são atos que também constituem pecado. Deus julgará tal pecado de presunção. Seja o que for, se for feito sem ordens dele, é serviço prestado com fogo estranho e abominável diante dele.

1 Samuel 13:8-14 registra a história de *Saul oferecendo o holocausto* e também pode nos servir de grande advertência. Ele ofereceu o sacrifício pelo

menos por três razões: primeiro, ele viu que o povo se afastava dele; segundo, Samuel não chegou na hora marcada e terceiro, os filisteus reuniram-se em Micmás prontos para atacá-lo em Gilgal. Por estas razões, ele *obrigou-se* a oferecer ele mesmo o holocausto. Aqui Saul não fez nenhum mal, pois ofereceu um sacrifício ao Senhor. Pensou em seu coração: Como poderia receber o favor de que precisava do Senhor, sem oração? Concluiu que se orasse mais, seria favorecido — se prestasse um pouco mais de culto ao Senhor, receberia o poder de livrar o seu povo das mãos dos inimigos. Que surpresa deve ter constituído para Saul quando Samuel lhe disse:

> Procedeste nesciamente em não guradar o mandamento que o Senhor teu Deus te ordenou; pois teria agora o Senhor confirmado o teu reino sobre Israel para sempre. Já agora não subsistirá o teu reino. O Senhor buscou para si um homem que lhe agrada, e já lhe ordenou que seja príncipe sobre o seu povo, porquanto não guardaste o que o Senhor te ordenou (1 Samuel 13:13-14).

O "eu disse comigo" de Saul (v. 12) não foi ordem de Deus. Aprendemos aí que Deus deseja que o sirvamos de acordo com seu mandamento, não de acordo com o que pensamos e supomos. Qualquer trabalho que seja baseado no que presumimos ou planejamos é rejeitado pelo Senhor. Pois ele procura um homem segundo o seu próprio coração. Ele dá mais valor à nossa obediência do que ao que nós fazemos: "Eis que o obedecer é melhor do que o sacrificar, e o atender melhor do que a gordura de carneiros" (1 Samuel 15:22). Isto deveria ser lembrado

por todos os servos de Deus.

Com que freqüência corremos a fazer coisas exatamente como Saul fez. Não conseguimos crer que Deus *nunca* se atrasa; não somos capazes de esperar a hora dele. Só vemos nossa necessidade e circunstâncias, e deixamos de esperar pela hora divina. E assim fazemos aquilo que o Senhor não ordenou.

Sabemos que Saul foi rejeitado por Deus por causa do seu zelo excessivo, sua ansiedade em oferecer sacrifício, sua pressa em orar. Quantas razões ele tinha para agir! Não obstante, Deus procurou, nesse meio-tempo, um homem segundo o seu próprio coração e o designou como príncipe sobre o seu povo. O homem que o Senhor deseja não é aquele que tem pressa, que não pode esperar. Se nós tivéssemos de escolher, indubitavelmente nos inclinaríamos para pessoas como Saul; pois não era um homem fora do comum? Dos ombros para cima era mais alto que os outros. Mas Deus não procura um homem fora do comum, antes um homem segundo o seu próprio coração. Que o alvo de nosso serviço prestado ao Senhor não seja tanto um desejo de fazer grandes coisas para ficarmos satisfeitos juntamente com os outros, mas que seja um toque do coração de Deus para que ele fique satisfeito. Só pessoas assim é que Deus usará. Ele está à procura de homens assim.

Davi e a arca. Vamos examinar este assunto um pouco mais, lendo novamente 2 Samuel 6:1-7:

> Tornou Davi a ajuntar todos os escolhidos de Israel, em número de trinta mil. Dispôs-se e, com todo o povo que tinha consigo partiu para Baalim de Judá, para levarem de lá para cima a arca de

> Deus, sobre a qual se invoca o Nome, o nome do Senhor dos Exércitos, que se assenta acima dos querubins. Puseram a arca de Deus num carro novo, e a levaram da casa de Abinadabe, que estava no outeiro; e Uzá e Aiô, filhos de Abinadabe, guiavam o carro novo. Levaram-no com a arca de Deus, da casa de Abinadabe, que estava no outeiro; e Aiô ia adiante da arca. . .Quando chegaram à eira de Nacom, estendeu Uzá a mão à arca de Deus, e a segurou, porque os bois tropeçaram. Então a ira do Senhor se acendeu contra Uzá, e Deus o feriu ali por esta irreverência; e morreu ali junto à arca de Deus.

Já comentamos este incidente, mas lendo novamente esta passagem, muitos podem perguntar outra vez por que Uzá foi ferido. Sua agilidade em estender a mão para amparar a arca não deveria ser considerada meritória? A glória de Deus não estava envolvida e, conseqüentemente, seu gesto de segurar a arca não foi a prestação de um grande serviço? Por que, então, Deus imediatamente o matou? Não há outro motivo a não ser este: o Senhor quer pessoas que obedeçam às suas ordens mais do que o ajudem em sua obra. O Senhor não precisa que nenhum homem defenda sua glória. Qualquer um que toque a arca da presença de Deus tem de morrer. E, por isso, a questão jaz não tanto no efeito que resultaria se a arca caísse, mas no fato do homem fazer o que Deus ordenou. É de todo natural que o homem conclua que mesmo em tempo de paz a arca não deveria ser tocada, mas que em momento de perigo ela *poderia* ser tocada e segurada para que não caísse —pois seria uma medida de emergência que deveria ser aceita sem nenhuma penalidade de morte. Mas Deus só tem

uma lei; ele não crê em transigência. Qualquer pessoa que faz alguma coisa sem sua ordem está sujeito à morte — se não física, será espiritual.

Deus não pergunta aqui se você e eu fizemos o bem ou o mal, nem investiga se lhe ajudamos. Apenas declara que nossas mãos não deveriam tocar a arca, pois quem o fizesse morreria. Ele preferiria que a arca caísse; ele não quer que ninguém lhe ajude sem sua ordem. Mas com que freqüência pensamos em ajudar o Senhor quando enfrentamos uma necessidade externa. Mas não é terrível que os servos de Deus tenham a inclinação de usar mãos carnais para ajudá-lo exatamente como Uzá fez? Será que podem escapar ao seu juízo? Vamos tomar nota que todos nós precisamos observar o mandamento de Deus. Qualquer coisa que seja feita como emergência contra as necessidades circunstanciais sem o aguardamento da ordem divina é inaceitável diante dele. Podemos deixar que nossa obra falhe temporariamente (na aparência pelo menos), mas a soberania de Deus não deve ser transgredida por um momento sequer, nem a carne humana deve a momento algum ser liberada. Deus não tem necesidade que a carne o ajude em sua obra; e ele certamente julgará todas as atividades carnais.

Enquanto ainda somos pecadores vivemos e trabalhamos de acordo com nossa própria sabedoria, fazendo assim muitas coisas contra a natureza de Deus. E agora que somos salvos, pensamos que podemos continuar usando a nossa sabedoria para servi-lo e ajudá-lo de acordo com o nosso bom julgamento — quase não percebendo que ao usar nossa sabedoria para ajudar no trabalho do Senhor

depois que somos salvos é tão pecado e tão inaceitável como usar nossa sabedoria para opor-se a ele enquanto ainda éramos pecadores. Ele não gosta da ajuda da sabedoria humana não renovada assim como não gosta da oposição dessa mesma sabedoria. Por causa disto, deveríamos aceitar a regra da cruz negando todas as atividades do ego, prontos a condenar a carne à morte e verdadeiramente negando os direitos de nossa própria opinião. Sempre que, na obra do Senhor, fazemos coisas de acordo com a nossa própria idéia, demonstramos ausência da negação do ego e do conhecimento experimental da cruz. Temos de ser conduzidos ao ponto zero, caso contrário não podemos ser usados por Deus.

Não sejamos presunçosos e não interfiramos no trabalho do Senhor. Mesmo que um trabalho esteja para ruir não podemos mantê-lo com a mão da carne, porque só podemos fazer o que o Senhor quer que façamos. Deus não nos responsabiliza por aquilo que não ordenou. Ele não nos repreenderá mesmo se o trabalho ruir ao nosso lado.

Na verdade, toda atitude presunçosa é tomada por causa da ausência da cruz na sabedoria humana. O que o Senhor exige de nós hoje, e o que devemos ter em mente é simplesmente o seguinte: aquilo que Deus ordenou, faremos; o que não ordenou, não faremos. Temos de permanecer em nosso lugar.

Alguns talvez suponham que este caminho é estreito demais; pois, perguntam, seu trabalho não será demasiado comum se seguirem esta regra? Mas um dia ficarão sabendo se este caminho é ou não o certo. Naquele dia, verão que todo o trabalho fora da vontade de Deus é mau e sem valor. Tudo o que é

feito fora da vontade divina não escapará ao opróbrio perante o tribunal de Cristo.

O Rei Uzias. Em 2 Crônicas 26:16-21 somos informados sobre como o Rei Uzias foi punido por Deus quando pretendia queimar incenso sobre o altar do incenso no templo do Senhor. O plano de Deus era que só os filhos de Arão, dedicados ao sacerdócio, entrassem no templo para queimar incenso e ninguém mais tinha permissão para realizar esta tarefa. Mas o coração de Uzias elevou-se a ponto de insistir em queimar incenso no templo. A lepra apareceu imediatamente em sua testa como resultado do castigo de Deus. Este incidente serve de mais uma advertência para não agirmos nunca presunçosamente sem a ordem divina, para também não sermos punidos. A lepra no sentido espiritual significa pecado de profanação. Qualquer pessoa que assuma fazer qualquer coisa sem que o Senhor ordene comete, diante de Deus, o pecado da profanação. No trabalho divino, portanto, o zelo do próprio homem não tem utilidade, porque não tem permissão de dirigir o trabalho com o seu próprio zelo. É coisa excelente entrar no templo para queimar incenso; tal ato, entretanto, transforma-se em pecado e deve ser punido se a pessoa não entrar por ordem divina. O Rei Uzias ofendeu o Senhor porque entrou no templo presunçosamente para queimar incenso; por causa disso ficou leproso e assim ficou até o dia de sua morte. Não podemos ignorar uma advertência tão extraordinária.

Quarto

Paulo é um apóstolo de espiritualidade profunda.

Observem, por favor, o que ele escreveu aos santos em Corinto em sua segunda carta:

> Nós, porém, não nos gloriaremos sem medida, mas respeitamos o limite da esfera de ação que Deus nos demarcou e que se estende até vós. . .tendo esperança de que, crescendo a vossa fé, seremos sobremaneira engrandecidos entre vós, dentro da nossa esfera de ação (2 Coríntios 10:13-15).

Paulo fala aqui de sua experiência. Ele diz que ultrapassaria a esfera de ação que Deus lhe destinara. Ele não iria aonde o Senhor não o mandasse. Ele sente sua responsabilidade naquilo em que Deus o considera responsável; mas não se atreve a ser responsável além daquilo que Deus não lhe confiou. Como poderia a igreja brigar ou dividir-se em um assunto como este se todos os servos de Deus se ativessem a esta regra? Cada servo do Senhor tem uma medida da esfera de ação que Deus lhe destinou; cada crente tem uma carreira divinamente consignada a terminar. Se cada um permanecer em seu posto, fizer a sua tarefa e terminar a carreira que lhe foi confiada, que glória veremos!

No serviço divino não sejamos governados pela visão que temos de que o trabalho é bom, que pode salvar almas, ou ajudar as pessoas. Antes, verifiquemos se nossa tarefa está dentro da esfera de ação que o céu nos aquinhoou. Uma imensa coluna certamente é essencial à casa, mas um preguinho não é menos necessário. Como a igreja pode ser estabelecida se cada um dentro dela aspira a ser um grande reavivador ou um grande evangelista ou um

grande mestre? Não deveríamos caminhar na direção da vontade do Senhor? Não deveríamos almejar grandes coisas; mas, antes, permanecer no lugar que Deus escolheu. Se ele quer que façamos silenciosamente um trabalho pequeno, sintamo-nos felizes com isso. Pois Deus não procura "grandes talentos"; ele usa quem está à disposição. Estejamos prontos a assumir nosso lugar sob a divina indicação. Deixem-me dizer francamente que devemos nos guardar de toda a pretensão e ambição, pois tais aspirações são mundanas, egoístas e carnais. E, quando o entendermos, jamais nos atreveremos a tocar na obra de Deus levianamente.

"Terminei a carreira", declarou Paulo (2 Timóteo 4:7). Que carreira é esta a que se refere o Apóstolo? A Sra. Jessie Penn-Lewis, em sua autobiografia, fez as seguintes observações:

> Há uma "carreira" preparada para cada crente desde o momento do seu novo nascimento, com vistas à mais completa maturidade da nova vida dentro dele e o máximo que Deus pode fazer de sua vida no uso de cada faculdade para o seu serviço. Descobrir essa "carreira" e cumpri-la é obrigação de cada alma. Outros não podem julgar qual é essa carreira. Só Deus o sabe, e pode revelá-la, e orientar o crente na direção dela, da mesma maneira hoje como o fazia no tempo de Jeremias e outros profetas, Paulo e Filipe e outros apóstolos. (Um extrato do esboço autobiográfico escrito pela Sra. Penn-Lewis para a revista "The Overcomer" em uma de suas edições de 1914. — O autor.)

Deus sempre usa os seus *escolhidos* para fazer o seu trabalho; ele não precisa de voluntários para a sua

tarefa. Aquele que for escolhido por ele não tem liberdade alguma. Se qualquer um dos seus escolhidos desejar a liberdade de andar em seu próprio caminho, só experimentará fracasso e sofrimento. Mas se alguém for realmente escolhido, não poderá fugir do caminho traçado por Deus. Ainda que fuja para Társis (como o profeta Jonas), será jogado no mar e trazido de volta por um grande peixe. Não tem escapatória. Um servo de Deus não deve nunca fazer nada de acordo com a sua própria vontade ou conceitos, porque o homem a quem o Senhor escolhe é aquele que só fará o trabalho que Deus lhe confiar e seguirá a carreira que Deus preparou.

Quando Moisés guiou os israelitas através do deserto, foi ordenado pelo Senhor a que advertisse o povo a não trabalhar no sábado. Mas não tomou nenhuma providência imediata com o homem que foi encontrado apanhando lenha no sábado, por que não tinha recebido nenhuma instrução de Deus. Foi só depois que o Senhor disse explicitamente a Moisés: "tal homem será morto", que a congregação o apedrejou (Números 15: 32-36). Moisés aguardou que Deus lhe dissesse o que fazer antes de se atrever a fazer alguma coisa. Não se atreveu a dar sua própria opinião.

A obra de Deus será grandemente prejudicada se não estivermos prontos a esperar um pouco. Nossa natureza é muito apressada. Sempre achamos que o Senhor é lento demais. Não somos capazes de seguir sua orientação passo a passo. Apressamo-nos a fazer o que consideramos ser bom. Sem hesitação suprimos o que achamos que está faltando. Temos medo de

desperdiçar toda a nossa vida sem fazer nada se fizermos uma pausa. Esquecemo-nos como são abençoados aqueles que esperam no Senhor e, então, fazem o que ele manda.

Quinto

Uma grande responsabilidade que temos diante do Senhor é a seguinte: temos de estar absolutamente certos quanto à sua ordem antes de fazer a sua obra. Não devemos tentar qualquer coisa sem primeiro receber suas ordens. A ordem de Deus expressa o desejo do seu coração. Se quisermos ser vasos úteis em sua mão, não devemos jamais fazer qualquer movimento antes de receber suas ordens. Pois não lhe seremos agradáveis se executarmos o trabalho que ele não nos encarregou de fazer. Sempre que uma porção de trabalho for colocado à nossa frente, nossa primeira preocupação deveria ser verificar se está de acordo com a sua vontade e se é aceitável ao seu coração. Que procuremos tão-somente nos conformar à sua vontade.

Resumindo, então, o padrão que Deus mostrou no monte jamais deveria ser alterado de acordo com a idéia do homem. Pelo contrário, devia ser seguido exatamente. Se a obra for *nossa*, não precisamos fazê-la de acordo com a vontade de Deus; mas se a *obra é de* Deus, então temos de seguir a sua vontade. Quem pode deixar de suspirar ao ver que tão freqüentemente a obra de Deus é prejudicada pela mão de carne do homem! Vamos, portanto, ter em mente que, se nossa sabedoria não for julgada e nossos pensamentos não forem levados à morte, não podemos realizar a obra divina. Que não tenhamos

mais nada em mente senão a vontade de Deus, sem as opiniões do ego. Cada vez que fizermos uma tarefa, vamos primeiro perguntar qual é a vontade do Senhor. E depois de sabermos com certeza qual é a vontade dele, vamos fazer de acordo com o seu padrão que nos foi revelado.

SEGUNDA PARTE
"CONSIDERADO FIEL"

1.
O LIVRO DE ATOS PROSSEGUE

Por dois anos permaneceu Paulo na sua própria casa, que alugara, onde recebia a todos que o procuravam, pregando o reino de Deus, e, com toda a intrepidez, sem impedimento algum, ensinava as cousas referentes ao Senhor Jesus Cristo (Atos 28:30-31).
Dizendo: O que vês, escreve em livro e manda às sete igrejas: Éfeso, Esmirna, Pérgamo, Tiatira, Sardes, Filadélfia e Laodicéia. Voltei-me para ver quem falava e, voltado, vi sete candeeiros de ouro. . .Quanto ao mistério das sete estrelas que viste na minha mão direita, e os sete candeeiros de ouro, as sete estrelas são os anjos das sete igrejas, e os sete candeeiros são as sete igrejas (Apocalipse 1:11-12, 20).

A Bíblia é um composto de 66 livros. Destes 66, muitos — no que se refere ao assunto principal — obviamente terminam no final de sua leitura. Por exemplo, o livro de Gênesis tem 50 capítulos. Quando você lê o último capítulo, instintivamente sente que chegou ao final. Mateus tem 28 capítulos e você sente como coisa totalmente natural que, ao chegar a seu capítulo final, o livro tenha realmente terminado. O mesmo sentimento surge depois que

você acaba de ler Romanos capítulo 16, ou Apocalipse capítulo 22.

Mas há um livro muito especial na Bíblia sobre o qual você não pode dizer que tenha chegado ao fim. Você pode dizer qual é a conclusão do assunto de muitos dos outros 65 livros da Bíblia, mas deste livro em particular não pode dizê-lo. É o livro de Atos. Quando você chega ao capítulo 28, fica surpreso por terminar tão abruptamente. Você realmente sente que ainda não terminou. E é um fato histórico que o livro de Atos ainda não terminou, porque o assunto de que trata ainda está em andamento. O registro de atos dos apóstolos do primeiro século pode estar concluído, mas o registro dos apóstolos de todos os séculos seguintes ainda não se completou. Até o presente momento, de fato, você continua lendo sobre os atos dos apóstolos de Deus. Resumindo, o livro de Atos ainda não terminou.

"Meu Pai trabalha até agora", declarou o Senhor, "e eu trabalho também" (João 5:17). Isto nos fala do fato que, desde a rebelião de Satanás e a queda do homem, Deus esteve trabalhando até agora e também o Filho. O que nós encontramos em Atos? Vou-lhes dizer que o livro de Atos não é um registro do trabalho de Paulo, nem do trabalho de Pedro; é o registro da obra de Deus. Quem pode dizer que depois do período de Atos 28 Deus não trabalha mais? Quem se atreveria a dizer que a obra do Senhor terminou em Atos 28?

Este livro não tem conclusão. Depois do período do capítulo 28, Deus continua tendo muitos vasos que efetuam o seu trabalho. O trabalho do Senhor prossegue; não parou aí. A vida de Paulo não terminou

após dois anos de trabalho em Roma. Do que sabemos de sua vida, depois de sua temporada em Roma por dois anos, foi solto da prisão e visitou novos lugares e também alguns dos antigos. Mais tarde foi novamente feito prisioneiro e, finalmente, morreu como mártir. Estes acontecimentos não ficaram registrados no livro de Atos. Precisamos tomar nota que Pedro, Paulo e João foram três pessoas importantes na igreja de Deus, mas o período final da vida de nenhum deles ficou totalmente registrado nas Escrituras. Poderíamos dizer com exatidão, então, que o livro de Atos terminou?

Como poderia o testemunho de Deus ser totalmente registrado? Ele realmente não tem fim. Nem um capítulo 29 ou 30, ou até mesmo o centésimo capítulo poderia ser ou será escrito um dia. Coisas novas teriam de ser acrescentadas o tempo todo se o registro prosseguisse. Por causa disto, entretanto, Atos teve de ser abruptamente interrompido com o capítulo 28. Não obstante, embora nada mais fosse registrado depois desse capítulo, a obra de Deus continuou. A obra do primeiro século não atingiu o seu zênite. Se a obra de Deus realizada nestes 4.000 anos tivesse de ser consumada no final de Atos 28, teríamos chegado ao pé da montanha e a obra de Deus teria agora declinado enormemente. Mas nada disso aconteceu. Pois o Senhor explicitamente declara: "Meu Pai trabalha até agora e eu trabalho também."

Não vamos imaginar que a obra de Deus tenha atingido o seu zênite no período de Paulo ou de Martinho Lutero. O primeiro século não concluiu a obra de Deus, e nem o século dezesseis. A obra do Senhor prosseguirá até o período do reino, e mesmo depois

dos novos céus e nova terra prosseguirá sem fim. E se crermos e conhecermos esta verdade, louvaremos a Deus.

As pessoas freqüentemente cometem este erro: pensam que vivem no pior período da igreja. As pessoas no tempo de Martinho Lutero pensavam assim; no tempo de João Wesley, também. Poderíamos, entretanto, dizer que o período de Martinho Lutero foi muito bom, e que o período de João Wesley foi igualmente muito bom. Talvez daqui a cinqüenta anos, as pessoas digam que o nosso tempo foi muito bom. Temos medo que os homens parem de trabalhar, mas entendamos que Deus nunca cessa de trabalhar. Cada ano ele sabe o que tem de fazer. Cada ano ele sabe até onde tem de ir. Cada ano ele realizará o que se propôs fazer. Deus prossegue diariamente; ele sempre avança. Aleluia, o Senhor avança continuamente!

Devemos entender que, sempre quando Deus avança, usa os seus vasos. No período do livro de Atos, ele tinha os seus vasos. No período de Martinho Lutero, ele tinha os seus vasos. E durante o período de João Wesley, tinha igualmente os seus vasos. Em cada período de reavivamento espiritual, Deus tinha os seus próprios vasos. Onde, então, poderíamos perguntar, estão os vasos de hoje? Indubitavelmente o Pai trabalha até agora, mas que homens continuam a cooperar com ele? Quem dirá, como disse o Senhor Jesus: "E eu trabalho também"? Isto se transforma num problema sério.

Se a esta altura recebemos um pouco de luz divina para percebermos um pouquinho de sua realidade, reconheceremos que o vaso que Deus procura hoje é aquele que desde o começo sempre teve em mente —

a sua igreja. Em outras palavras, o vaso que Deus essencialmente procura hoje não é individual, mas corporativo em sua natureza. E se ele realmente precisa de um vaso corporativo hoje, imediatamente perceberemos que, se os seus filhos não compreenderem o que é o corpo de Cristo e o que é a vida do corpo, serão inúteis na obra do Senhor e não serão capazes de atingir o alvo de Deus.

O primeiro capítulo de Apocalipse nos diz que a igreja é o candeeiro de ouro. Deus em sua palavra não só diz que a igreja é de ouro, mas também diz que a igreja é o candeeiro de ouro. Se a igreja fosse só de ouro, não poderia satisfazer o coração de Deus. Por que Deus diz que a igreja é o *candeeiro* de ouro? Porque o candeeiro de ouro serve para espalhar a luz, de modo que resplandeça em todas as direções. Deus quer que a igreja seja um vaso resplandecente, um vaso de testemunho. Desde o começo ele ordenou à igreja que seja um candeeiro. Nenhuma pessoa em particular, mas toda a igreja. Do ponto de vista divino a igreja é um candeeiro. Portanto, não basta que seja de ouro, que significa que tudo ao redor é de Deus: deve também brilhar por Deus e testemunhar dele como o candeeiro de ouro.

A igreja existe para o testemunho de Deus. Se não for de ouro, não é a igreja. Mas, se não é também um candeeiro, também não é a igreja. Se não tiver vida em si, não pode ser a igreja; mas, se não tiver testemunho em si, também não será a igreja. A igreja deve entender o que Deus espera fazer e obter nesta dispensação. Será um candeeiro de ouro se perceber qual é o testemunho de Deus na terra hoje em dia.

Vamos repetir com bastante simplicidade aqui que

a obra de Deus vai em frente, que o Senhor ainda está à procura de vasos úteis e que o seu vaso hoje é o mesmo que foi verdadeiro no começo — a saber, que não é uma coisa individual, mas coletiva em natureza: em outras palavras, a igreja.

Talvez as pessoas perguntem sobre os vencedores na igreja. É verdade, a igreja está necessitando muito de vencedores; mas o testemunho destes vencedores é em benefício da entidade corporativa, não pessoal. Vencedores não constituem uma classe de pessoas que se consideram superiores, ou melhores do que os outros, desprezando-os. Não. Trabalham em benefício de todo o corpo. Fazem a obra, e toda a igreja recebe os benefícios. Os vencedores não o são para si mesmos; antes, permanecem na igreja para o amadurecimento dela. Assim a vitória dos vencedores torna-se também a vitória de toda a igreja.

Considerando que o vaso que Deus precisa é corporativo, temos de aprender a viver a vida do corpo. E para viver a vida do corpo temos de negar nossa vida natural. Temos de receber de Deus profunda disciplina. Depois que ele nos disciplinar e tivermos aprendido a obedecer e ter comunhão, teremos o privilégio de ser seu vaso.

2.
A CORRIDA QUE NOS FOI PROPOSTA

Portanto, também nós, visto que temos a rodear-nos tão grande nuvem de testemunhas, desembaraçando-nos de todo peso, e do pecado que tenazmente nos assedia, corramos com perseverança a carreira que nos está proposta, olhando firmemente para o Autor e Consumador da fé, Jesus, o qual em troca da alegria que lhe estava proposta, suportou a cruz, não fazendo caso da ignomínia, e está assentado à destra do trono de Deus. Considerai, pois, atentamente, aquele que suportou tamanha oposição dos pecadores contra si mesmo, para que não vos fatigueis, desmaiando em vossas almas (Hebreus 12:1-3).

Primeiro

Deus coloca dois quadros diante dos homens: primeiro, ele dá vida eterna aos pecadores; e, segundo, apresenta o reino a todos os que já têm a vida eterna. Todos os que crêem têm a vida eterna; não obstante, como disse Jesus aos seus discípulos: "Se a vossa justiça não exceder em muito a dos escribas e fariseus, jamais entrareis no reino dos

céus" (Mateus 5:20). O Senhor Jesus também declara o seguinte: "Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus" (Mateus 7:21). Assim vemos que para ter vida eterna basta crer, mas para entrar no reino é necessário preencher outra condição.

Logo depois que uma pessoa é salva, Deus a coloca numa direção específica. A vida inteira de um cristão pode ser comparada a uma corrida. Mas não é uma corrida na direção do alvo da vida eterna. Não significa que aquele que vencer esta corrida receberá a vida eterna por prêmio; pelo contrário, só a pessoa que tem a vida eterna está qualificada a correr. Não, o resultado desta corrida é que alguns dos participantes serão coroados enquanto outros não o serão (veja 1 Coríntios 9:24-25).

O que significa a coroa? A coroa representa o reino. Significa reinar, ter domínio e glória. E, assim, obter a coroa significa obter o reino — a saber, reinar com o Senhor Jesus e ter domínio e glória. E perder a coroa significa não ter o reino — não reinar com o Senhor, nem receber domínio e glória. Portanto a coroa é o símbolo do reino. Para um cristão, ter vida eterna é um assunto já resolvido, mas ter o reino depende de como o cristão corre.

Logo que uma pessoa é salva, Deus a separa para uma carreira que leva diretamente ao reino. Suas palavras, sua conduta, seus pensamentos, sua vida — tudo, enfim — relaciona-se com o atingir ou não o reino. O crente que se recusa a correr a carreira julga-se incapaz para o reino; e o crente que corre relaxadamente prejudica suas oportunidades de obter

o reino. Deus já colocou cada cristão nesta carreira. Mas, se ele vai ou não obter o reino é uma questão que só ele pode decidir sozinho. Sua consagração, fidelidade e vitória vão ajudá-lo a receber a coroa. Mas aqueles que amam o mundo e seguem as inclinações da carne, não obterão o reino dos céus — embora possuam a vida eterna, porque confiaram no Senhor Jesus.

Segundo

A quem Hebreus 12:1 se refere quando fala em "testemunhas"? Parece que aponta para aqueles homens de grande fé já citados no capítulo 11; mas, na realidade, não se refere a homens, mas às coisas feitas por eles. Pois a palavra "testemunha" é a mesma que foi usada em Atos 1:8, 1:22, 2:32 e assim por diante; portanto, também pode ser interpretada como referindo-se às coisas das quais deram testemunho. O que a palavra de Deus diz aqui é que o testemunho dado das coisas feitas por aqueles homens de fé nos rodeiam como uma nuvem.

O que essas testemunhas pretendem provar? Provam a "tão grande salvação" de Deus (Hebreus 2:3-4). Esta grande salvação não faz alusão ao perdão dos pecados mas aponta para o reino. Pois o reino é o alvo de nossa corrida. Deus nos dá muitos testemunhos para nos encorajar a viver a vida da fé, para correr a corrida e para obter a glória do reino. Embora o que os grandes homens de fé mencionados no capítulo 11 crêem não esteja diretamente ligado ao reino, continuam crendo apesar de tudo, pois sua fé é a sua carreira. Receberam o que creram diretamente, de modo que alguns foram arrebatados, alguns

ressuscitaram, alguns obtiveram a terra e alguns foram salvos. Mas ainda não é tudo o que Deus lhes prometeu. O que eles receberam através da fé não passa de demonstrações para que tenham certeza de que vão obter o reino prometido: "Ora, todos estes que obtiveram bom testemunho por sua fé, não obtiveram, contudo, a concretização da promessa, por haver Deus provido cousa superior a nosso respeito, para que eles, sem nós, não fossem aperfeiçoados" (Hebreus 11:39-40). Qual é a promessa mencionada aqui? Não outra que o reino: aquelas pessoas já receberam o testemunho de que Deus lhes dará o reino.

"Tão grande nuvem de testemunhas." — Por causa de sua fé, Deus lhes deu graça. Respondeu às orações e realizou milagres, provando assim que Ele está satisfeito com sua carreira e certamente vai lhes dar o reino. Já que estamos rodeados de tão grande nuvem de testemunhas, vamos também correr a carreira da fé.

Deus colocou o reino diante de nós; ele estabeleceu uma carreira para corrermos. No final, o fracasso ou o sucesso será o resultado. Aquele que vencer, reinará com Cristo; mas o que for derrotado, mesmo que seja salvo, não terá parte na glória do reino.

Terceiro

A carreira está agora estabelecida; e, conseqüentemente, os participantes devem "desembaraçar-se de todo peso, e do pecado que tenazmente nos assedia". Na carreira, dois pontos são de importância absoluta: um é abandonar todo peso e o outro, deixar o pecado.

Vamos falar primeiro sobre o desembaraçar-se do pecado. O pecado atrapalha mais o progresso. Desqualifica pessoas na corrida. O pecado é quebrar as regras; e aquele que transgride as regras não tem permissão de continuar a corrida. É deixado de fora.

O crente deve deixar de lado e abandonar o pecado que conhece. Seja a inveja, o orgulho, a impureza do coração, a mentira, gênio forte ou concupiscência incontida — são coisas que o tornam incapaz para a corrida. Aquele que perde o privilégio de correr perde a possibilidade de entrar no reino e reinar com Cristo. O cristão deve basear-se em Romanos 6:6 e 6:11 e reconhecer-se morto para o pecado. Deve abandonar os pecados e não deve deixar que o pecado reine sobre ele. Deve também submeter seus membros como instrumentos da justiça de Deus. Qualquer coisa que ofenda o Senhor deve ser honestamente confessada, alvo de arrependimento, e abandonada para que Deus possa perdoar. Ninguém com uma consciência má pode correr a corrida que lhe foi proposta. Não devemos reter qualquer pecado não perdoado para não abrigarmos uma consciência sem paz. Se pecamos contra alguém devemos pedir perdão com sinceridade. Se defraudamos alguém devemos restituir até onde pudermos. Não deve haver nada de errado que não seja esclarecido. Não tenha medo de incorrer em perdas, nem tenha medo de ser humilhado. Pois, caso contrário você não será capaz de correr a corrida. Temos de prestar atenção especial a certos pecados que não parecem tão feios como pensamos. São os pecados que tão facilmente nos assediam. Diz-se que Moisés preferiu "ser maltratado junto com o povo de Deus, a usufruir

prazeres transitórios do pecado" (Hebreus 11:25). Isto indica claramente que o pecado tem os seus prazeres. Muitos pecados dão prazer às pessoas. A carne humana deleita-se em pecar porque o pecado dá prazer. Mas aquele que verdadeiramente tem fé prefere sofrer perseguição e opróbrio a desfrutar o prazer do pecado. Devemos resistir ao pecado, caso contrário julgamo-nos a nós mesmos incapazes para o reino.

Vamos agora examinar a questão do "desembaraçar-se de todo o peso". O que é um peso? Um peso pode não ser pecado, nem é necessariamente alguma coisa má, mas sem dúvida pode facilmente nos embaraçar. Se não abandonarmos o pecado ficaremos desqualificados até mesmo para correr a corrida; mas, se não nos desembaraçarmos de todo peso, embora não sejamos impedidos de correr, certamente seremos atrapalhados na velocidade da carreira. Quem já viu alguém participar de uma corrida com casaco de peles? Qualquer coisa que nos impeça de correr bem, ou atrapalhe o nosso progresso, deve ser considerado como peso.

Durante o século dezenove houve um homem que foi grandemente usado pelo Senhor. Gastou muito tempo compilando um dicionário hebraico. Depois que terminou o trabalho, mandou-o a seus amigos para revisão. Todos elogiaram muito o trabalho. Concordaram que, tão-logo o livro fosse publicado, ele se tornaria imediatamente um famoso mestre. Mas este irmão queimou o manuscrito. Pois, ao compilá-lo, disse o mestre em perspectiva, sentiu que o seu amor ao Senhor e o seu amor às almas foi

grandemente diminuído. Achou que a leitura das provas e sua impressão iriam ocupar ainda mais o seu tempo e energia. Por isso, ele concluiu, seria melhor queimá-lo. Pois bem, ler um manuscrito e editá-lo não seria pecado, mas para ele constituía um sério peso. Conseqüentemente, tomando a atitude que tomou, este crente foi libertado de um grande peso.

Há coisas em sua vida que talvez não possam ser chamadas de pecado, mas não poderiam ser consideradas como peso? Imagine se você tivesse de participar de uma corrida e alguém lhe dissesse para comer um bom prato de macarrão ou vestir um pesado casaco de peles. Acha que poderia correr em tais condições? Vamos deixar de lado todos os pesos e também todos os pecados. Não podemos correr bem carregando pesos desnecessários.

O fracasso de Ló se encaixa na área do peso. Ló não era uma pessoa ruim; pelo contrário, duas vezes o apóstolo chamou-o de homem justo que se sentia "afligido pelo procedimento libertino daqueles insubordinados" (2 Pedro 2:7-8). Mas sua vida era tão diferente da vida de Abraão. Este vivia no deserto; Ló, na cidade. Abraão vivia em tendas, enquanto Ló morava em uma casa. Eis a grande diferença — enquanto um sentia-se livre, o outro tinha peso demais. Embora Ló pudesse ainda correr carregando certos pesos, a carreira de sua vida foi medíocre — ao ponto de, finalmente, desistir dela e ser derrotado.

Como precisamos prestar atenção às palavras de Marcos 4. Nessa passagem o Senhor não diz que não há fruto em uma vida por causa do pecado, mas por causa dos pesos — pois ele diz que "os cuidados do mundo, a fascinação da riqueza e as demais

ambições, concorrendo, sufocam a palavra, ficando ela infrutífera" (v. 19). Cada um dos muitos cuidados deste mundo (e não necessariamente o pecado) pode tornar uma pessoa infrutífera. Por exemplo, embora as riquezas não sejam pecado, não obstante impedem-nos de voar como se tivéssemos asas. Aqueles que desejam ser ricos não podem correr bem. E mesmo na questão dos deveres que Deus nos propõe, devemos executá-los fielmente; contudo, se nosso coração sentir-se embaraçado com qualquer um deles, correremos com grande dificuldade.

Vou repetir que o peso não é necessariamente pecado. Muitas vezes um peso pode ser considerado totalmente legítimo. Não obstante, é um peso que diminui a velocidade do avanço. O peso de uma pessoa pode ser um amigo muito querido, um desejo de posição, um pouquinho de ambição mundana, uma casa muito desejada, uma tigela de alimento delicioso, ou uma magnífica peça de vestuário. Essas e muitas outras coisas talvez não sejam pecado, mas todas são capazes de diminuir a nossa velocidade.

Por causa disto, devemos nos fazer a pergunta, se há algum pecado que nos impede de correr, ou qualquer peso que está diminuindo nosso ritmo. O pecado desqualifica totalmente a pessoa para a corrida — isto é, retira-a dela. O peso, por outro lado, não deixa a pessoa correr *bem* e consome sua energia inutilmente. Vou fazer-lhe a pergunta: Qual é o pecado que especialmente o assedia? Qual o seu peso? Vamos cuidadosamente examinar esses pontos e rapidamente desvencilharmo-nos deles.

Quarto

Nós que estamos participando desta corrida, não só devemos deixar de lado o pecado que tenazmente nos assedia, além do peso desnecessário, mas também temos de "correr com perseverança". Por quê? Porque o prêmio não é concedido no começo, nem no meio, mas no fim da carreira. É recebido depois do último passo dado na corrida. Você pode correr bem no começo, até mesmo no período intermediário, mas talvez não corra bem no final.

Vencer no começo, no meio e no final de uma corrida é o que conta. Antes de alcançar o final, ninguém pode garantir se será recompensado. Pode-se falhar nos últimos cinco passos. Uma vez, numa corrida de 200 metros, um homem correu à frente dos outros uma distância de cerca de vinte metros durante a maior parte da corrida, mas, então, subitamente, caiu quando faltavam apenas dois metros para o final. Para vencer, a pessoa tem de tomar muito cuidado. Antes de chegar ao final ninguém pode vangloriar-se de que recebeu o prêmio. Até o apóstolo Paulo teve de dizer: "Não que eu o tenha já recebido, ou tenha já obtido a perfeição; mas prossigo" (Filipenses 3:12). Se era verdade com Paulo, onde ficamos nós?

O que significa a palavra "correr" na frase "corramos com perseverança a carreira"? Correr não é ficar parado, nem andar devagar. Correr é avançar com velocidade. Correr é usar o tempo mínimo para cobrir o máximo de distância. A pessoa precisa, portanto, correr depressa. Por causa dos muitos

participantes da corrida, a pessoa deve correr à frente dos outros se quiser receber a coroa. Se uma pessoa vence ou perde depende de correr depressa ou devagar. Se a pessoa desperdiça o seu tempo e vagueia sem alvo, está destinada a perder.

Hebreus 12:1-3 também diz que devemos correr "a carreira que nos está proposta" — significando que só há um caminho e que é a carreira que foi colocada à nossa frente. Não podemos escolher o caminho; temos de correr aquele que Deus mesmo colocou diante de nós. Quem, num jogo atlético, se atreveria a dar um passo fora da linha traçada naquela corrida? Todos têm de correr dentro das linhas traçadas. E esse é o significado de 2 Timóteo 2 que declara: ". . .o atleta não é coroado, se não lutar segundo as normas" (v. 5) — isto é, de acordo com as regras. Como é triste ver que muitos cristãos correm com zelo, mas não de acordo com a carreira que *Deus* propôs. Nosso próprio zelo, trabalho e atividade não podem substituir as regras e a vontade de Deus. Correr fora da vontade de Deus leva à derrota. Considerando que o Senhor estabeleceu a carreira diante de nós, devemos correr nela se esperamos ganhar a recompensa.

Quinto

Nossos pés têm de correr seguindo as linhas propostas a nós por Deus, mas, além disso, nossos olhos devem olhar "firmemente para o Autor e Consumador da fé, Jesus" (Hebreus 12:2a). De acordo com o original, entendemos que devemos manter os olhos fora de qualquer outra coisa à nossa volta, olhando só para Jesus. Não devemos olhar para

nenhuma outra coisa além de Jesus. Se olharmos para ele correremos o caminho certo. Há muitas coisas à nossa volta que podem facilmente afetar nossa atenção e desviar-nos de nosso alvo. Só olhando para Jesus é que manteremos o curso divino em nossa corrida.

Jesus Cristo, diz-se, é o autor e aperfeiçoador de nossa fé. Nossa fé se origina nele e também termina nele. Cremos nele somente. Uma vez no Senhor, temos de sempre permanecer no Senhor. Devemos firmar nossa mente nele só. Nem a santidade, nem a vitória, nem o perfeito amor, nem o batismo com o Espírito Santo, nem o zelo na evangelização das almas, nem qualquer outro conflito espiritual deveria afastar nossos corações de Cristo. Do começo ao fim, é o próprio Senhor Jesus. Nossa fé o considera o começo e o fim. Fora dele, não olhamos para nada. Naturalmente, se olharmos continuamente para o Senhor Jesus, então a santidade, a vitória e todo o resto dessas coisas se manifestarão em nossas vidas. Mas se buscarmos qualquer outra coisa fora de Cristo, essa mesma coisa tornará nosso caminho defeituoso. Na carreira espiritual precisamos pedir a Deus que nos mostre, por revelação, que *todas* as coisas estão somente em *Cristo*. O perdão, a justificação e a regeneração estão em Cristo. A santidade, a vitória e a plenitude do Espírito Santo também estão em Cristo. Cristo é tudo. Ele é o Começo de todos os começos, o Fim de todos os fins. Resumindo, nosso tudo está nele. Sem o Senhor não podemos correr a carreira que nos está proposta.

"Olhando firmemente" é um requisito do olhar para o Senhor. Se não olharmos firme, afastando

nossos olhos das coisas, não estaremos olhando para Jesus. Se a pessoa que está correndo olhasse de um lado para o outro, não seria capaz de correr bem. Poderia até se desviar do caminho, entrar por um caminho torto, ou até mesmo teria de parar. Por isso Deus nos diz que devemos olhar só para o Senhor Jesus, nada mais. Além disso, até mesmo a introspecção é prejudicial à nossa carreira espiritual. Pensarmos em nós mesmos, analisar nossos próprios sentimentos, estar sempre preocupados com o progresso, ou demasiado preocupados com a condição espiritual pode atrapalhar de todo nosso avanço. Um dos maiores perigos em nossa carreira é o de estarmos demasiado ansiosos com o progresso, e assim desviarmo-nos inconscientemente para a introspecção e deixarmos de olhar firme para Jesus.

O que significa, então, olhar para Jesus? Não é olhar para o próprio ego. Olhar para Jesus é sentir-se tão atraído por ele que a pessoa deixa o seu próprio mundo interior e liga-se àquele para o qual olha. Para que espécie de Jesus você olha? Você olha para o Jesus que é o autor e o consumador de sua fé — o Jesus que inclui tudo. O segredo do progresso espiritual é, então, saber como não depender das condições pessoais. Aquele que aprende como não olhar para si mesmo é verdadeiramente abençoado. Que o Espírito de Deus nos dê revelação, fazendo-nos saber o que é "olhar para" e como não fazer uma introspecção imprópria de nós mesmos.

Sexto

Tudo isto que observamos agora leva-nos a olhar para a forma como o próprio Senhor Jesus correu a

carreira: "O qual em troca da alegria que lhe estava proposta, suportou a cruz, não fazendo caso da ignomínia, e está assentado à destra do trono de Deus" (Hebreus 12:2b). O Senhor Jesus olhou para a alegria que lhe estava proposta e correu diretamente em sua direção. O que é a alegria? Ele mesmo não disse: "Muito bem, servo bom e fiel. . .entra no gozo do teu senhor" (Mateus 25:21)? Isto aponta para a alegria no milênio. É verdade, nosso Senhor obedeceu a Deus, seu Pai, de acordo com sua natureza inerente. Mas encontramos outro fato na Bíblia, que é o seguinte: a recompensa e promessa divina — especialmente a do reino — teve definitivamente alguma influência sobre a vida de Jesus. Por causa da alegria que lhe estava proposta, nosso Senhor Jesus em sua carreira terrena avançou suportando a vergonha e a cruz.

Por que o escritor de Hebreus, na passagem citada, empregou o nome "Jesus" e não "Cristo" ou "o Senhor Jesus" (que é o seu título após-ressurreição) para identificar o autor e consumador de nossa fé? Sabemos que "Jesus" é o nome do Senhor como homem. Deus, portanto, nos convoca para olharmos para Jesus porque deseja que olhemos para o lado humano do Senhor. Obedecer a Deus de acordo com a sua natureza é o seu lado divino. Mas suportar a vergonha e a cruz por causa da alegria que lhe foi proposta é o seu lado humano. O Espírito Santo inspirou o escritor a chamá-lo de Jesus aqui, revelando assim o fato de que a questão da recompensa teve sua influência sobre o Senhor no que se refere à sua natureza humana. É verdade, obedecemos a Deus porque nós o amamos. Mas há

um outro lado que percebemos quando vemos que Deus usa a recompensa para nos incentivar a sermos fiéis a ele. E por isso não pode ser prejudicial que nós, seus filhos, o sirvamos fielmente por causa da recompensa futura.

Por que Paulo diz: "Esquecendo-me das cousas que para trás ficam e avançando para as que diante de mim estão, prossigo para o alvo"? Sua própria resposta é que possa ganhar "o prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus" (Filipenses 3:13, 14). Considerando que é para a recompensa que Deus convoca os homens e considerando que também foi por ela que Paulo abandonou tudo, Deus deve gostar quando somos fiéis por amor à recompensa.

Nosso Senhor foi "desprezado" e "suportou" a cruz por amor à alegria do reino. E nós? Será que já abandonamos tudo por amor à glória do futuro reino? Já fizemos o que não temos vontade de fazer ou não fizemos o que temos vontade por causa da recompensa de Deus? Se esta alegria pudesse atrair nosso Senhor, por que não nos atrairia? Inúmeros crentes, antigos e modernos, abandonaram tudo para seguir o Senhor por amor à glória do reino; o que acontece com você e comigo?

Sétimo

O Jesus para o qual olhamos é aquele que por causa da alegria que lhe foi proposta "suportou a cruz, não fazendo caso da ignomínia, e está assentado à destra do trono de Deus" (Hebreus 12:2b). Em princípio, devemos correr a mesma carreira que ele correu.

A ignomínia de Jesus foi provocada pelos homens; e ele não fez caso dela. A cruz lhe foi dada por Deus;

ele a suportou. Não se perturbou pela incompreensão dos homens, o ostracismo, a acusação, a deserção, ou a condenação. Não que a ignomínia não fosse séria; na verdade, a ignomínia que sofreu excede a de qualquer outro homem. Não é também porque sua natureza santa seja insensível à ignomínia do insulto; na verdade, seus sentimentos são mais intensos do que os dos outros. Não obstante, Jesus desprezou a vergonha e ignorou o insulto. A cruz que Deus lhe deu não é leve. O que ele passou diante dos homens, dos espíritos malignos e dos anjos celestes não foi fácil. Mas nosso Senhor suportou a cruz. Ele a aceitou e a suportou. E o resultado final? Alcançou o fim triunfantemente: "E está assentado à destra do trono de Deus", aguardando o momento de seu glorioso aparecimento.

Em contraste, com que tenacidade nós tentamos manter nossa dignidade! Temos medo da ignomínia, da incompreensão, da crítica e da oposição dos homens. Tentamos agradar todos os homens. Fugimos da vergonha, não queremos negar nosso ego, nem sofrer ignomínia por amor ao Senhor. E mesmo quando os outros têm sucesso em nos envergonhar, aceitamo-lo murmurando. Não queremos aceitar nada sem reclamar e protestar contra a vergonha que abate a vida do ego.

Além disso, não queremos carregar a cruz que Deus nos dá. Não trilhamos o caminho da cruz. Nem sequer sabemos como é o caminho da cruz. Não entendemos que tudo o que nos acontece é permitido por Deus. Qualquer coisa que seja contra a nossa vontade, qualquer coisa que nos faz alvo de incompreensão, que nos faz sofrer, que bloqueia

nosso caminho, ou despedaça nossas esperanças é uma cruz que Deus nos deu. Mas como enfrentar uma coisa dessas? Será que resistimos no coração? Será que nos queixamos às pessoas? Será que fugimos das dificuldades? Vamos reconhecer que nossa falta de atitude submissa vai impedir que corramos bem.

Sempre que Deus permite que uma cruz recaia sobre nós, tem uma razão particular. Cada cruz tem sua missão espiritual, isto é, vem para realizar alguma coisa especial em nossa vida. Se a suportamos de acordo com a vontade de Deus — como o Senhor Jesus suportou a cruz (contudo, a *sua* cruz foi para expiação do pecado, a *nossa*, não)— nossa vida natural será trabalhada mais um pouco e teremos maior capacidade de nos encher com a vida ressurreta do Filho. Nossa resistência, insubordinação ou luta vai impedir o sucesso do propósito divino e assim fazer a cruz falhar em sua missão.

Oitavo

Deus coloca o Senhor Jesus diante de nós para que o sigamos. E, concluindo, Deus nos diz: "Considerai, pois, atentamente, aquele que suportou tamanha oposição dos pecadores contra si mesmo, para que não vos fatigueis, desmaiando em vossas almas" (Hebreus 12:3). Devemos considerar cuidadosamente, ponto por ponto, como nosso Senhor suportou o opróbrio, a opressão, os maus tratos, a deserção, os açoites e a crucificacão (a cruz realmente tem seu lado humano). E por isso não ficaremos fatigados. Quando o Senhor falou a seus discípulos sobre como devia sofrer na terra, ele disse:

"O discípulo não está acima do seu mestre, nem o servo acima do seu senhor" (Mateus 10:24). Não podemos esperar receber melhor tratamento do que o Senhor Jesus experimentou. E Jesus prosseguiu dizendo: "basta ao discípulo ser como o seu mestre, e ao servo como o seu senhor" (Mateus 10:25a). Basta que o tratamento que recebemos do mundo não seja mais do que o que o Senhor Jesus recebeu, pois "se chamaram Belzebu ao dono da casa, quanto mais aos seus domésticos" (Mateus 10:25b). Se *ele* recebeu tratamento tão mau do mundo, não o receberíamos também? E se pensamos neste assunto, não nos desanimaremos na ignomínia e oposição.

Na carreira do reino, a coisa mais assustadora é a fadiga e o desânimo. A alma é aquela parte do ser humano que abrange suas emoções, mente e vontade. Quando a alma está fatigada e desmaiando, perde a força. Sua vontade murcha, seus sentimentos esfriam e sua mente fica embotada. Tudo fica vazio e nos inclinamos a deixar que as coisas sigam à deriva e a questão de uma coroa futura é abandonada ao destino. Uma grande tentação em nosso esforço nesta carreira é a de afrouxar o passo na direção da coroa celestial, quando as forças oponentes parecem acumular-se além da capacidade de suportar do que corre.

Mas se verdadeiramente pensarmos no Senhor Jesus e meditarmos em suas experiências, não afrouxaremos o passo. Pense na descrição de Gideão e seus 300 homens: "Cansados, mas ainda perseguindo" (Juízes 8:4). Ainda que desmaiando, temos de continuar correndo.

Que possamos ir até o fim da carreira. Mesmo se

durante a carreira formos feridos — sofrermos oposição, incompreensão e rejeição das mãos dos homens — devemos nos animar e continuar correndo por amor ao Senhor Jesus. Quem na corrida receberá maiores aplausos dos homens? Não será aquele que foi ferido mas continuou correndo até obter o primeiro prêmio? Portanto, quer sejamos feridos, aparentemente derrotados ou estejamos sofrendo, não deve constituir problema. Ainda é melhor que nos levantemos e continuemos correndo. Vamos nos lembrar que nada importa enquanto nos encontramos na estrada; só no final da carreira haverá julgamento. Portanto não sejamos impedidos na carreira seja qual for o motivo. Não nos cansemos, nem desmaiemos. Pelo contrário, devemos olhar para Jesus, o autor e consumador de nossa fé, e correr até o final da carreira que nos foi proposta.

3.
A ÚLTIMA VIAGEM

Logo a seguir, compeliu Jesus os seus discípulos a embarcar e passar adiante para o outro lado, a Betsaida, enquanto ele despedia a multidão. E, tendo-os despedido, subiu ao monte para orar. Ao cair da tarde, estava o barco no meio do mar, e ele sozinho em terra. E, vendo-os em dificuldade a remar, porque o vento lhes era contrário, por volta da quarta vigília da noite, veio ter com eles, andando por sobre o mar; e queria tomar-lhes a dianteira. Eles, porém, vendo-o andar sobre o mar, pensaram tratar-se de um fantasma, e gritaram. Pois todos ficaram aterrados à vista dele. Mas logo lhes falou e disse: Tende bom ânimo! sou eu. Não temais! E subiu para o barco para estar com eles, e o vento cessou. Ficaram entre si atônitos, porque não haviam compreendido o milagre dos pães, antes o seu coração estava endurecido (Marcos 6: 45-52).

Esta passagem do Evangelho de Marcos tem me ajudado com freqüência no passado e continua me ajudando até o dia de hoje. Um pouco antes deste incidente o Senhor Jesus alimentou os cinco mil com cinco pães e dois peixes. E logo depois deste incidente o Senhor foi visto curando muitas pessoas doentes. Juntos, os três incidentes, formam uma figura composta do Senhor Jesus referindo-se aos acontecimentos desde sua morte na cruz até o estabeleci-

mento final do seu reino. Significam como o Senhor: 1) foi crucificado por nós, 2) subiu ao céu para ser nosso sumo sacerdote, e 3) voltará novamente para estabelecer o reino.

João também registra o incidente de nosso Senhor alimentando os cinco mil; exceto que em seu Evangelho foram registradas mais algumas palavras. Depois que distribuiu os pães e os peixes, nosso Senhor, na narrativa de João, continuou falando à multidão no dia seguinte, apresentando o seguinte e importantíssimo ensinamento: "Eu sou o pão vivo que desceu do céu" (João 6:51a). O que quis dizer foi que exatamente como comeram os pães no dia anterior e ficaram satisfeitos, deviam também comer a sua carne e beber o seu sangue para ter vida eterna. E, assim, este incidente da distribuição dos pães é uma figura de como o Senhor tinha de morrer por eles e por nós, tendo o seu corpo quebrado e seu sangue derramado.

Marcos 6:46 indica que o Senhor Jesus então "subiu ao monte para orar" — desta vez como figura de sua ascensão para ser nosso sumo sacerdote para poder interceder por nós diante de Deus.

E, finalmente, o conteúdo de Marcos 6:53-56 constitui uma figura da volta do Senhor para estabelecer o seu reino e curar todos os enfermos.

Mas agora vamos focalizar a questão de como o Senhor ordenou aos discípulos que atravessassem o mar, tendo em mente que este acontecimento está entre o incidente que representa a cruz e aquele que representa o reino. E, por isso, podemos dizer que este acontecimento central aplica-se aos nossos dias — a dispensação da igreja — e pode, portanto, mostrar-nos o que acontecerá depois do momento da

cruz, mas antes da vinda do reino, e também pode indicar que tipo de atitude devemos assumir. Não vamos aqui destacar o que o Senhor fez por nós, mas, em lugar disso, vamos enfatizar o que nós mesmos deveríamos estar fazendo.

"Logo a seguir, compeliu Jesus os seus discípulos a embarcar e passar adiante para o outro lado, a Betsaida, enquanto ele despedia a multidão" (v. 45). Em primeiro lugar, este versículo nos diz que há um caminho do Senhor para cada um de nós. A palavra "compeliu" aqui é a mesma palavra que encontramos em 2 Coríntios 5:14 ("o amor de Cristo nos constrange"). O Senhor compeliu os discípulos a entrar no barco. Em outras palavras, a figura que pode ser visualizada por esse tipo é que, tendo morrido por eles, o Senhor constrange seus discípulos a começar a viagem. O Senhor estabelece um caminho para os discípulos andarem e ordena-lhes que o sigam. A coisa mais importante na vida cristã é encontrar o caminho ordenado pelo Senhor e andar nele fielmente. Infelizmente, de um lado, muitos crentes não descobriram qual é o caminho a eles proposto, enquanto que por outro lado, alguns que *descobriram* o caminho não andam nele. Não causa admiração que suas vidas sejam tão passivas e restritas e que a obra de Deus sofra tanto conflito e contradição. O que cada um de nós mais precisa é entregarmo-nos a Deus com espírito de oração, quieta e submissamente, buscando com singeleza de coração a orientação dele sobre o caminho indicado, e andar em sua vontade com sinceridade, pronto a pagar qualquer preço.

Em Lucas 9:10 ficamos sabendo que o lugar da distribuição dos pães foi Betsaida. Olhando no mapa,

entretanto, notamos que há duas Betsaidas — uma a nordeste de Cafarnaum e a outra a sudoeste. O Senhor ordena aos discípulos que partam da Betsaida a nordeste e atravessem o mar na direção da Betsaida a sudoeste.

"E tendo-os despedido, subiu ao monte para orar" (v. 46). Este versículo é uma figura de como nosso Senhor logo deixaria seus discípulos aqui na terra para subir e colocar-se à direita do Pai a fim de executar a obra de intercessão. Ele deixa os seus na terra para que corram a carreira que lhes propôs.

"Ao cair da tarde, estavam no barco no meio do mar, e ele sozinho em terra. E, vendo-os em dificuldade a remar, porque o vento lhes era contrário, por volta da quarta vigília da noite, veio ter com eles, andando por sobre o mar; e queria tomar-lhes a dianteira" (vs. 47-48). O que os discípulos encontraram ao longo do caminho que o Senhor lhes propôs? "Ao cair da tarde" —é o mesmo que dizer que o céu se escureceu quando o barco estava no mar. Em figura podemos dizer que Cristo, na qualidade de luz do mundo, já partiu. Na sua volta, entretanto, será a Estrela da Manhã e o Sol. Do momento de sua ascenção até o momento de sua volta, a história do mundo não passa de uma longa noite. De acordo com o ponto de vista humano o mundo está cada vez melhor e mais claro; mas, de acordo com a Palavra de Deus, "vai alta a noite" (Romanos 13:12). Deus não diz que o mundo está ficando cada vez melhor e mais iluminado; pelo contrário, declara que a noite vai alta. Estamos agora no meio da noite e por isso sentimos as trevas que nos rodeiam. Você tem consciência das trevas à sua volta? Se você não sabe o que são trevas,

se você não está consciente das trevas, provavelmente foi assimilado pelo mundo. Mas se andamos na luz e vivemos perto de Deus, permanecendo em Cristo, constantemente julgando as obras da carne e obedecendo à orientação do Espírito Santo, muito naturalmente perceberemos que este é verdadeiramente um mundo de trevas.

"Estava o barco no meio do mar" — nossa viagem ainda não atingiu o seu destino. Embora a questão da vida eterna ou da morte eterna já tenha ficado resolvida sem qualquer dúvida, nossa história na terra — a questão de sermos fiéis até o fim ou mudar constantemente pelo caminho — é uma questão a ser resolvida. Antes do barco atingir o porto está sujeito a mudanças e exposto ao perigo. Jamais deveríamos ter tanta certeza do nosso destino. Embora seja motivo de alegria o estarmos a caminho, a questão de como navegamos e seu resultado final permanecem desconhecidos.

O que mais os discípulos encontraram pelo caminho? Estavam "em dificuldade a remar, porque o vento lhes era contrário", dizem as Escrituras. Obviamente, se a direção na qual você viaja é *contra* o vento, então a direção oposta deve ser *a favor* do vento. E assim, no caso em questão, os discípulos do Senhor, que viajavam do nordeste para o sudoeste, viram que o vento lhes era contrário; se estivessem viajando do sudoeste para o nordeste o vento estaria a favor deles. São muitos os cristãos que só viajam a favor do vento. Fico imaginando se estão no caminho certo proposto pelo Senhor. Vamos aceitar o fato de que devemos seguir o caminho que nos foi ordenado, uma vez que o Senhor já decidiu por nós nosso lugar

no mundo; pois ele não disse que "o mundo os odiou [a seus discípulos]" (João 17:14)? Portanto o vento deste mundo é contra nossa rota. Se jamais enfrentamos oposição, ridículo ou a perseguição do mundo, é muito provável que não estejamos no lugar proposto pelo Senhor. De vez em quando deveríamos encontrar um vento contrário em lugar de sempre navegar a favor do vento. Uma vez que seguem na direção do vento, muitos crentes não percebem que o mundo está em inimizade com eles, nem podem entender por que o Senhor sofreu oposição na terra. Mas se navegassem de acordo com a rota dada pelo Senhor, sem dúvida nenhuma encontrariam um vento contrário.

"Em dificuldade a remar, porque o vento lhes era contrário." Cada crente fiel deveria ter a mesma experiência. Nos últimos anos, tentações parecem que aumentaram em número e severidade. Aqueles que são do Senhor parecem sofrer mais. O corpo está freqüentemente enfraquecido e geralmente arruinado pelas enfermidades. As famílias enfrentam problemas e conflitos sem fim. Emprego e subsistência estão se tornando cada vez mais difíceis. A opressão — e até mesmo os ataques — da sociedade e da nação estão aumentando em proporção cada vez maior. Satanás e seus espíritos do mal estão criando muitos problemas para desgastar os santos. Oh! como são fortes hoje em dia os ventos contrários. Mas, se você está na rota proposta pelo Senhor, invariavelmente vai sentir o vento contrário. E como deve ser forte!

Veja, por exemplo, a situação da igreja. O que tem acontecido nestes últimos anos? Toda espécie de heresias têm vicejado na obra da igreja. As fraudes dos

espíritos do mal têm aumentado grandemente. E a igreja tornou-se mais mundana do que nunca. Num período como este, pode-se navegar contra o vento sem se desviar do caminho proposto pelo Senhor e não sentir desespero?

É melhor sofrer do que seguir à deriva. Muito melhor é estar em dificuldade, remando, do que navegar a favor do vento; muito melhor é seguir o caminho difícil do que seguir à deriva no caminho fácil. Derivar não consome energia. Pare de remar e o vento nos mandará de volta ao lugar da partida. Transija um pouquinho, entregue-se de alguma forma e o vento nos levará de volta. Amar o mundo não exige esforço; seguir o mundo não consome energia. Mas ficar firme e fiel ao Senhor é um convite certo para um encontro com o vento contrário, e logo ficaremos remando desesperadamente.

É muito fácil retornar ao ponto de partida, mas é preciso muito esforço para prosseguir avançando. Agora é o tempo de permanecermos fiéis. Andemos no caminho proposto por Deus.

Por favor, observem que os discípulos remaram desde o cair da tarde até a quarta vigília da noite. Os judeus têm três vigílias, mas os romanos (aos quais o Evangelho de Marcos foi provavelmente destinado) têm quatro. O começo da quarta vigília é às três horas da madrugada. Os discípulos do Senhor continuaram remando, pois não podiam voltar, nem podiam descansar em Cafarnaum.

O período da quarta vigília é obviamente a hora mais negra durante todo o período noturno e também é o período final da noite. Pois é justamente em períodos assim que temos de avançar. Sei que todos nós

temos tentações e provações. Hoje em dia as tentações são tão ferozes que não podemos condenar ninguém. Mas o maior de todos os perigos hoje é parar para descansar um pouco, transigir em alguma coisa, ou cochilar um pouco — pois estamos realmente cansados. No começo há força para ficar em pé, pois estamos sob a compulsão do amor. Mas o período intermediário estende-se e a luta aumenta tanto que é fácil esfriar. Quantos crentes já conheci que anos atrás eram cheios de espírito e coragem na batalha, mas que agora esfriaram e retrocederam porque o vento é contrário demais. Um irmão certa vez comentou que raramente vê pessoas que ainda sejam zelosas na obra do Senhor depois dos cinqüenta anos de idade. É muito mais difícil vencer o esfriamento do entusiasmo e da fidelidade do que todas as outras tentações. Vencer o pecado é possível, mas não esfriar depois de cansado de tanto remar contra o vento, é quase impossível.

Se no começo o Senhor nos constrangeu e nos ordenou seguir este caminho, se o Senhor nos ordenou que atravessássemos o mar, podemos deixar de avançar? Se pararmos, a correnteza e o vento nos levarão de volta e ainda para mais longe do Senhor. Vamos antes sofrer que derivar.

A esta altura, entretanto, precisamos de um pouco de estímulo do Senhor, como Paulo incentivou Timóteo: "Pois, te admoesto que reavives o dom de Deus, que há em ti. . ." (2 Timóteo 1:6). Que nosso primeiro amor seja reavivado. O autor da carta aos Hebreus aparentemente sentiu que alguns dos irmãos pareciam ter falhado (4:1) — isto é, seu primeiro amor para com o Senhor parecia ter diminuído. E assim ele

prosseguiu exortando-os a restabelecer "as mãos descaídas e os joelhos trôpegos" (12:12).

O Sr. Moule, que em determinada ocasião trabalhava na China, disse, uma vez, que o segredo do grande sucesso com Deus era o de ser capaz de perseverar até a última meia hora. Embora as trevas sejam espessas, não durarão para sempre, pois Isaías 21:12 não nos diz que "Vem a manhã e também a noite. . ."? Agora estamos na noite escura, mas a manhã logo despontará. Por favor, perseverem até a última meia hora. Que nossos olhos não estejam fixos na noite escura, nem nas dificuldades, mas avancemos firmemente. Não vale a pena deixar de avançar hoje em dia. Não vale a pena afrouxar o passo. Pois quase imediatamente alcançaremos o outro lado.

A Sra. Jessie Penn-Lewis observou que muitos crentes declararam em seus testemunhos pessoais que encontraram muitas opressões. Vou acrescentar que a luta hoje parece se tornar mais pesada dia a dia, como se o único alvo dos ataques de Satanás fôssemos nós, os crentes. Por isso, na era atual, o problema que existe é se eu e você podemos perseverar até a última meia hora. "[Satanás] Magoará os santos do Altíssimo" (Daniel 7:25). *Magoar* tem aí o sentido de "desgastar," consumir *devagar*. É muito mais difícil reconhecer Satanás como aquele que desgasta os santos do que um Satanás que ruge como um leão. E a sua obra de consumir lentamente os santos já começou.

Sempre que vou à Montanha Kuling, caminho ao longo da correnteza que há ali. Freqüentemente vejo rochas enormes, mas que são côncavas no meio como bacias de tomar banho. Isto acontece por causa das

muitas pedrinhas que diaramente as desgastam. Do mesmo modo Satanás trata os filhos de Deus. Em lugar de matá-los de um só golpe, tenta desgastar os santos, dia a dia, de modo que sem que percebam acabam gravemente feridos depois de algum tempo.

Embora já tenhamos sofrido muito, será que poderemos perseverar um pouquinho mais? Será que poderemos ficar com o Senhor até a última meia hora? Será que não podemos vigiar com o Senhor mais uma hora? (comp. Marcos 14:37). Hoje é o dia de permanecermos firmes. Como é triste que alguns nunca tenham encontrado um vento contrário! Se alguém nunca percebeu que o mundo é cruel, corrupto e opressivo, é porque ainda não começou a sua viagem. Só quando caminhamos fielmente, sentimos o sopro do vento adverso. Mas só então, também, seremos tentados por uma voz que diz: "É demais, relaxe um pouco e descanse uns momentos." Entretanto deixem-me dizer-lhes que não vale a pena descansar agora, porque eu e você já percorremos uma distância muito grande.

"E ele sozinho [estava] em terra. E, vendo-os em dificuldade a remar, porque o vento lhes era contrário, por volta da quarta vigília da noite, veio ter com eles, andando por sobre o mar; e queria tomar-lhes a dianteira". — O Senhor está observando se perseveramos ou se mudamos de rota. Ele vigia para ver se avançamos ou retrocedemos. Seus olhos estão sobre mim e você. Ele percebe cada passo de nossa caminhada. Ele sabe muito bem como são grandes as nossas tentações e como são difíceis as nossas circunstâncias. Mas não deixará que soframos além da quarta vigília. Na hora mais negra o Senhor virá; pois

já não morreu por nós, e não subiu ao céu para interceder por nós, conhecendo todas as nossas provações? Mas quando o céu estiver *mais escuro*, ele *voltará*.

No versículo 48 há uma coisa muito especial. Declara que o Senhor "queria tomar-lhes a dianteira"! Muitas pessoas ficam surpresas quando lêem isto. Parece que o Senhor não ia na direção dos discípulos. Mas não há nenhum problema aqui. Considerando que o Senhor ordenou a seus discípulos que atravessassem o mar — para a outra Betsaida — então é na direção de Betsaida que ele naturalmente se dirige descendo das montanhas. O Senhor não irá a nenhum outro lugar para esperá-los. Ele os procura no exato lugar para onde ele ordenou que viajassem. Se eles se desviassem, o Senhor não os poderia encontrar, nem poderia se desviar do caminho para esperá-los. Isto é sério. Às vezes fico imaginando que se o Senhor me mandasse a Xangai e eu fosse a Nanquim, de onde seria eu arrebatado quando o Senhor viesse? O arrebatamento acontece no lugar que o Senhor designou. E será que não deixaria de ser arrebatado se não estivesse lá? Cada um de nós é responsável pelo lugar em que está.

"E subiu para o barco para estar com eles, e o vento cessou." — Logo que o Senhor chega, tudo se aquieta. Louvado seja Deus e graças a ele que, embora o vento seja contrário, não será para sempre; que, embora haja dificuldade em remar, não será para sempre. Talvez o Senhor já esteja a caminho. Temos de concordar que *podemos* suportar dificuldades na terra porque o Senhor morreu por nós e voltará outra vez. Temos o amor de Cristo que nos constrange no passado e a esperança de sua volta que nos impele no

futuro. Um missionário declarou certa vez: "Tenho o Senhor. Ele é a minha porção. Por isso *posso* abandonar todas as coisas." Os olhos do Senhor estão sobre nós, portanto não temamos o sofrimento. Se acontecer de nós nos desviarmos com medo do sofrimento, todos os nossos sofrimentos do passado terão sido em vão. Uma pessoa profundamente espiritual escreveu certa vez:

> Quando lemos 2 Tessalonicenses 2:3 e 2 Timóteo 3:1-13, ficamos sabendo que antes do dia da volta do Senhor haverá apostasia e dias perigosos quando a maldade e a mentira aumentarão grandemente. Tal apostasia não se refere à educação, gigantescas reuniões, pastores capazes, catedrais maravilhosas e progresso mental e físico. Relaciona-se com a fé e o reconhecimento do poder de Deus. Aponta para igrejas renomadas que se inclinam para a chamada Alta Crítica (na verdade não passa de incredulidade), e negam as obras sobrenaturais de Deus, tais como a regeneração, a santidade, orações atendidas e a revelação do Espírito Santo.
>
> Antes da vinda do Senhor, haverá muita fraude e muito erro; e, se fosse possível, até os escolhidos seriam enganados. A "forma da piedade" será aumentada. A fé será diminuída por causa de credos falsos, engendrados por Satanás, e também o amor pelo mundo e a negação da pálavra de Deus. Um irmão disse bem: Tais obras satânicas produzirão um efeito intangível que nos envolverão como o ar. Haverá uma forma de piedade exterior, mas por dentro estará cheia de maus espíritos e da melancolia do inferno. Esses espíritos malignos farão o máximo para desviar e oprimir os filhos de Deus. Atacarão nosso corpo, diminuirão nossa vontade e embrutecerão nossa mente. Toda espécie de sensações e provações estranhas nos sobre-

virão, fazendo-nos perder o desejo de buscar a Deus e a força de fazê-lo, cansando nosso espírito, embotando nossa mente e tornando-a entorpecida e, ao mesmo tempo, fazendo-nos estranhamente amar os prazeres e costumes do mundo como também cobiçar as coisas proibidas por Deus. Perderemos a liberdade e o poder de pregar; não poderemos nos concentrar para ouvir as mensagens; e seremos incapazes de nos ajoelhar para orar dedicadamente por algum período mais longo. Tais trevas e tal atmosfera deverão ser enfrentadas com resolução. Sem dúvida Satanás procura obscurecer nossa mente e vontade com uma espécie de poder inconcebível para que se torne extremamente difícil andar com Deus e muito fácil viver de acordo com a carne. Acharemos que é difícil servir a Deus fielmente e orar com perseverança, como se tudo dentro de nós se levantasse para impedir-nos de seguir o Senhor Jesus até o fim e fazer-nos concordar com o mundo.

A atmosfera à nossa volta nos obrigará a trair a Deus e a desistir de nossas sinceras orações. Embotará nossa sensibilidade espiritual para que não vejamos as realidades celestiais ou a gloriosa presença do Senhor. Assim facilmente negligenciaremos a comunhão com Deus e descobriremos que é difícil manter comunhão com ele.

Já estamos sentindo o começo destas influências. A concupiscência do mundo tece sua rede extensa de muitas maneiras à volta dos crentes. Torna-se cada vez mais apertada e mais forte com o passar do tempo. Muitas coisas que nas gerações passadas eram inimagináveis agora estão sendo praticadas sem restrição. Muitos lugares de adoração não só resistem à entrada de coisas espirituais, bloqueando reavivamentos, mas também introduzem toda espécie de festejos e coisas duvidosas.

Falando de um modo geral, em todo o mundo, a diminuição da fé e o desenvolvimento da apostasia

> são evidentes. Naturalmente, reconhecemos que ainda há muitos lugares abençoados por Deus. Mas examinando a situação da igreja no mundo inteiro como um todo, não deixa de apresentar um quadro digno de dó.
> Tendo visto estas coisas, não podemos deixar de gritar à igreja de Deus que se levante, que desperte, que retorne à comunhão com Deus e que agrade ao Senhor no tempo que ainda resta. Estejamos preparados para comparecer diante do tribunal de Cristo e apresentar o nosso caso.

O que este servo do Senhor expressou acima é verdade. Não sei como você se sente. Mas, quanto a mim, sinto diariamente que o mundo inteiro está contra nós. Só podemos assumir duas atitudes: uma é perseverar; a outra, relaxar. O mundo lhe dá boas-vindas se você retroceder e Satanás ficará feliz com a sua volta. Mas o Senhor manda que você atravesse o mar até a outra Betsaida. Se não formos fiéis agora, jamais o seremos. Muitos filhos de Deus sofrem verdadeiramente por amor ao Senhor, e viajam pelo caminho solitário. Seremos como um irmão da Inglaterra certa vez descreveu: "Outros passam para o lado do Senhor através de mares de sangue, será que nós vamos fazê-lo em uma florida poltrona de automóvel de luxo?" Moisés disse aos filhos de Gade e aos filhos de Rúben: "Irão vossos irmãos à guerra, e ficareis vós aqui?" (Números 32:6) Será que podemos ficar imóveis enquanto outros sofrem fielmente? Sofrendo, sim; mas é melhor do que estar à deriva. Cada um de nós deve servir ao Senhor fielmente e prosseguir no caminho que ele nos propôs até que alcancemos o outro lado.